

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

GABRIELA MARTINS PINTO

**OBSERVATÓRIO IBIRAS0 E BLOCO DO BECO: DOCUMENTANDO
SABERES E MEMÓRIAS NA PESQUISA SITUADA**

SÃO PAULO
2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

GABRIELA MARTINS PINTO

**OBSERVATÓRIO IBIRAS0 E BLOCO DO BECO: DOCUMENTANDO
SABERES E MEMÓRIAS NA PESQUISA SITUADA**

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido
como parte das atividades para obtenção do Grau de
Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas e da
Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, sob orientação do Prof. Dra. Fabíola Freire
Saraiva de Melo.

SÃO PAULO
2024

AGRADECIMENTOS

Um espaço para expressar o meu amor por pessoas extremamente importantes no processo que foi o fazer dessa faculdade. Foram cinco anos tentando encaixar encontros nas janelas de tempo da agenda, por isso começo agradecendo aos que acolheram as minhas presenças, mas também as minhas ausências.

Na família, começo pela minha avó Laura, que ao longo desses anos iniciou um dolorido processo demencial, mas gostaria de poder dizer a ela que, com certeza, fiz algo muito bom com todos os alertas de que eu era e sou teimosa (e brava) como ela. Aos meus pais, Fernanda e Antônio, agradeço pelos almoços na mesa, pelas roupas lavadas, iogurtes na geladeira, pelos muitos boletos pagos, pelas vezes que me levaram até o final da rua para que eu ganhasse alguns minutos extras, mas principalmente pela consciência de todos os meus privilégios e pela segurança de ter para onde ir e voltar. Agradeço ao meu irmão Thiago, que sem ele meu senso de humor e criatividade certamente não seriam iguais. E a vida com certeza seria mais chata sendo filha única. Aos meus tios, Ana Maria e Jaime, por terem um amor tão bonito e puro por mim e serem um porto seguro, obrigada. Agradeço ao Douglas, meu melhor amigo e companheiro nesses anos, que me faz querer sonhar nossos próximos capítulos juntos.

Às minhas amizades, um clichê verdadeiro é que no coletivo a gente chega a lugares mais bonitos. Espero ainda desfrutar de muitas paisagens com vocês (acredito que a carona para isso está garantida) e que o final desse ciclo seja apenas o início de novos sentidos, ainda mais especiais. Obrigada!

É impossível passar por aqui sem agradecer aos professores e professoras que puderam esperar em mim ao longo da minha educação. Em especial, agradeço Cris Fernández Andrada, Márcio Farias e Mary Jane Spink. Pessoas que foram mestras e semearam em mim a vontade de transformar, de pesquisar e de estar sempre implicada com os caminhos que eu escolher. O meu aprendizado nessa faculdade e o meu trajeto na Psicologia com certeza tem muito de vocês. Para a orientadora deste trabalho, Fabíola Freire, obrigada por aceitar sonhar e realizar junto. Ainda, gostaria de agradecer a instituições que foram importantes para a construção de uma Psicologia e de uma ética que eu acredito: Ocupação Penha Pietra's e Bloco do Beco. Foi uma oportunidade imensa poder ter tido e ter vocês também como a minha universidade.

Agarrar a vida, a existência, e escrevê-la em seu estado de acontecimentos. Mas persisto nessa intenção. Só falarei do brilho das estrelas, das árvores frondosas que habitam determinada esquina e debulharei as palavras, da sua raiz até as suas derivações, se tudo me vier agarrado à vida. Nem precisa ser só a minha vida, pois me é fundamental a vida das pessoas em meu entorno.

Conceição Evaristo

RESUMO

O presente trabalho visou apresentar a experiência do Observatório Ibira30, observatório de pesquisa periférico integrante da Associação de Cultura Bloco do Beco, localizada no Jardim Ibirapuera, Zona Sul de São Paulo. Levando em consideração as questões sociais, de gênero e étnico-raciais sobre a produção de conhecimento, a pesquisa teve como objetivo principal apresentar a experiência dessa instituição, que reformula o modo de fazer pesquisa, articulando afeto, política e técnica. Além disso, propôs-se a: a) Conhecer, apresentar e relatar um Observatório de Pesquisa situado na periferia de São Paulo, de forma a preservar a sua memória; b) Dar visibilidade para metodologias de conhecimento, de modo a adotar uma postura interseccional que leve em consideração um recorte de gênero e racial, além de conhecimentos periféricos e produzidos coletivamente; c) Compreender as transformações subjetivas possibilitadas pelas experiências relacionadas ao local pesquisado e d) Contribuir para dar visibilidade às práticas realizadas no local. Para isso, buscou conhecer, apresentar e relatar a vivência de pessoas que idealizaram e atuam no projeto, através de uma pesquisa qualitativa, inserida no campo da Psicologia. Como resultado, foi produzido um conjunto de narrativas de pessoas que idealizaram e que atuam no projeto. Tivemos como principais direções metodológicas uma ampla revisão bibliográfica a respeito de epistemologias decoloniais, feministas, construcionistas, saberes situados e métodos participativos, além da realização de três entrevistas e a devolutiva para o local. A partir da análise do conteúdo dessas entrevistas, quatro núcleos de sentido puderam guiar a escrita: História, Metodologia, Impactos da filosofia e Afetos do Observatório Ibira30. Desse modo, pudemos compreender a experiência desse observatório como um exemplo de local que repensa e reinventa o modo de fazer pesquisa através do conhecimento situado e da pesquisa ação e continuada no território, que se apresentam como caminhos em busca da desmistificação científica e constrói uma outra relação entre sujeito e objeto de pesquisa.

Palavras-chave: Observatório de pesquisa periférico, Conhecimento situado, Metodologias de Pesquisa.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA, COM SÍNTESE DA BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL	6
1.1 Apresentação das motivações para a pesquisa	6
1.2 Em busca de um modo de pensar decolonial e situado.....	6
1.3 Revelar o processo.....	9
2 OBJETIVOS	13
2.1 Objetivo geral	13
2.2 Objetivos específicos	13
3 MÉTODO	14
3.1 Etapas procedimentais.....	14
3.2 Forma de análise e confecção dos resultados.....	15
4 FUNCIONAMENTO E IMPACTOS DO BLOCO DO BECO NO JARDIM IBIRAPUERA ..	17
4.1 O que é o Bloco do Beco e o Observatório Ibira30	17
5 DIÁLOGO COM CONCEITOS E PENSAMENTOS FUNDAMENTAIS	19
5.1 Desafiando a neutralidade.....	19
5.1.1 O olhar feminista para a construção do conhecimento	19
5.1.2 Repensando a objetividade.....	22
5.2 Saberes situados: conhecimentos a partir do território	23
5.2.1 Conhecimento situado.....	23
5.2.2 Protagonismo periférico	26
5.2.3 O que faz um Observatório de Pesquisa Periférico?	29
6 RESULTADOS: REVELANDO O QUE É POSSÍVEL	31
6.1 O que relatam sobre a experiência do Ibira30	31
6.1.1 História: do sonho à construção de um saber.....	31
6.1.2 Metodologia Ibira30.....	35
6.1.2.1 <i>Uma nova relação com a produção de conhecimento</i>	35
6.1.2.2 <i>Uma etnografia do Jardim Ibirapuera</i>	37
6.1.2.3 <i>Construção coletiva de saberes</i>	39
6.1.3 Impactos desta filosofia	41
6.1.4 O que reverbera - os afetos permitidos pelo Observatório Ibira30	44
7 CONCLUSÃO - CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICES	52
ANEXOS	56

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA, COM SÍNTESE DA BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

1.1 Apresentação das motivações para a pesquisa

A entrada na universidade é, ou deve ser acompanhada de sonhos e possibilidades. Um dos meus sonhos era (talvez ainda seja) seguir a vida acadêmica após a graduação, um desejo que, entre idas e vindas, oscila entre o presente, passado e futuro. A angústia é a principal motivadora deste trabalho – a angústia de compreender como coisas tão essenciais podem se perder no meio do caminho. A curiosidade presente em mim desde criança se torna amiga dessa angústia, quando também motivadora deste estudo. Idas e vindas traduzidas em experiências, com o perigo de ter, em alguns momentos, tomado os fins como os meios. Ao dizer que fins quase se tornaram meios, é sobre uma perda pessoal, em que possivelmente o brilho no olhar – presente no início e não mais no meio do processo – se perderia para aumentar algumas linhas no currículo (o fim).

Com a realização de uma Iniciação Científica entre o período de 2023 e 2024, o gosto pelo pesquisar tomou corpo, com linhas que concretizaram a possibilidade de uma pesquisa implicada e que fugiu das normas de uma suposta ou desejada neutralidade defendida no campo científico. Um percurso acadêmico que buscou olhar para formas de reinventar a prática, com criatividade e com afeto. Posturas que se relacionam ao saber científico e que dão sentido a este trabalho, que busca relacionar tais posturas às possibilidades de conhecer. O quanto é reduzido no ato de escrever repetidamente sobre apenas um lado da história, que afirma e reafirma um único caminho possível. É por isso que as primeiras páginas serão dedicadas à apresentação do pensamento decolonial, essencial para desconstruções e construções que aqui acreditamos e buscamos.

1.2 Em busca de um modo de pensar decolonial e situado

Em 1960 foi publicado um livro que relata o cotidiano da favela, através das lentes de uma catadora de papel. Carolina Maria de Jesus, autora do livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, organizado com relatos escritos em papéis encontrados no lixo, que contam, com sensibilidade, a vida de uma mãe, mulher preta e o viver às margens sociais. Mesmo com o livro sendo hoje publicado em 24 países, ainda é um exemplo para mostrar a lógica colonial que rege o que é compreendido como conhecimento. O **contexto temático** do que será proposto neste estudo pode ser exemplificado por uma situação ocorrida em 2017.

A Academia Carioca de Letras organizou uma cerimônia em 2017 para homenagear Carolina Maria de Jesus. Foi nessa cerimônia que Ivan Cavalcanti Proença afirmou que os escritos da autora não poderiam ser considerados literatura. O trecho abaixo apresenta a fala, colonizada pelo olhar branco e eurocêntrico:

Isso pode ser um diário e há inclusive o gênero, mas, definitivamente, isso não é literatura”, continuou. “Cheia de períodos curtos e pobres, Carolina, sem ser imagética, semi-analfabeta, não era capaz de fazer orações subordinadas, por isso esses períodos curtos. (Lucinda, 2017, s/p)

Elisa Lucinda, atriz e poetisa, estava presente na cerimônia também como convidada para falar em homenagem a Carolina Maria de Jesus e usou seu tempo de fala para refletir sobre a fala exposta anteriormente. Lucinda alertou para a fala racista de Proença, “sob o fenótipo de um argumento academicista” (Lucinda, 2017, s/p), ao escrever sobre esse episódio da Academia Carioca de Letras, .

Ainda afirmou que o que foi exigido ao considerar que a autora não teria cursado literatura foi o formalismo acadêmico e, assim, “nega-se potencial epistêmico àquelas(es) que foram colocada(o)s às margens daquilo que é considerado ciência” (Oliveira, 2020, p. 7). Nesse sentido, lhe foi negada uma vivência singular, que intuitivamente compreendeu com primor o que é um Diário de Campo e o trabalho autoetnográfico. Postura que nega o processo, a espontaneidade e a história.

Os estudos decoloniais têm como motivação a desconstrução desse saber acadêmico hermético como o exigido na cerimônia, resultado de uma dominação cultural e conformação de um sistema social global eurocêntrico, branco e produzido por homens (Pereira; Gonçalves; Da Silva; Eckhardt, 2022). Tomando como exemplo também o campo da Psicologia, a lógica eurocêntrica se faz presente em sua história. Nesse processo, incontáveis aspectos linguísticos, sociais, culturais e históricos foram desconsiderados e a Psicologia rotulada como ciência, já que objetiva e confiável de acordo com os moldes positivistas da época. Então, um dos olhares que este trabalho pretende é questionar o conceito de objetividade, de modo a abordar a relação dinâmica entre objetividade e subjetividade. Para isso, autoras como Donna Haraway, Sara Ahmed, Sandra Harding, bell hooks e Mary Jane Spink serão nossas companheiras nas seguintes páginas.

Ataques à existência surgem como resultado de considerar a ciência como neutra (Pereira; Gonçalves; Da Silva; Eckhardt, 2022), como a exclusão do saber periférico, que tem

como consequência a criação de políticas públicas sem a compreensão das reais demandas territoriais, exemplo que fará mais sentido algumas páginas adiante. O posicionamento neutro se evidencia por uma postura política alinhada à mentalidade colonial, que impossibilita uma postura implicada e reflexiva perante a ciência, enquanto produtora de vida ou mortificação (Pereira; Gonçalves; Da Silva; Eckhardt, 2022).

A produção de conhecimento que afasta os saberes locais, periféricos, não brancos, não europeus e produzidos por mulheres foram descredibilizados, considerados inferiores e desenhandando, ao longo do tempo, um problema atual – uma **questão étnico-racial do conhecimento**. Nesse sentido,

Apesar de alguns tipos de conhecimento e determinadas formas de produzi-lo (métodos) serem considerados válidos e o lastro, ou seja, a medida paramétrica para isto se dará a partir de uma leitura racializada do mundo. Neste cenário, a expectativa é de que se aceite, na produção de conhecimento, postura colonizada, ou seja, subordinada a uma métrica colonial (Pereira; Gonçalves; Da Silva; Eckhardt, 2022, p. 185).

A hierarquização metodológica faz com que o conhecimento científico seja validado quando encaixado em moldes que, na realidade, afastam o seu conteúdo. Nesse processo, muito se perde, a exemplo o reconhecimento dos saberes marginalizados, como os de Carolina Maria de Jesus, enquanto saberes potentes e produtores de vida, subjetividades e história. No campo da Psicologia, as clínicas públicas de psicanálise são um exemplo de que é possível uma prática decolonial (Setubal, 2021). Essas clínicas surgiram com a intenção de romper com o elitismo das quatro paredes do consultório, olhando para marcadores como os históricos e culturais, sociais, raciais e territoriais do sujeito. Dessa forma, a prática dá apoio à população vulnerável, de modo implicado e levando a psicanálise para a rua, para o contexto público. Outro exemplo na área de saúde são os Agentes Comunitários de Saúde (ACS), que fazem parte da Atenção Primária à Saúde e são uma estratégia do nosso Sistema Único de Saúde para compreender as demandas territoriais. Um dos requisitos para ser um ACS é morar na área de atuação, o que implica conhecer de perto (e viver) as necessidades locais.

O olhar decolonial busca abrir trilhas em outros caminhos - ou melhor, reabrir essas trilhas que se fecharam ao não serem escolhidas. A universidade é um dos caminhos abertos e conhecido socialmente enquanto produtor de conhecimento, ainda pautada em saberes excludentes e “comprometida com a manutenção de uma lógica que perpetua a valorização de

uma determinada perspectiva de conhecimento e método” (Pereira; Gonçalves; Da Silva; Eckhardt, 2022, p. 185) – narrativas produtoras de esquecimento.

Os caminhos que buscam redesenhar as trilhas esquecidas são aqueles que procuram compreender o que foi negado na criação do celebrado “homem moderno” e que reconhecem as culturas e saberes marginalizados como aqueles produzidos coletivamente ou em movimentos sociais. Conhecimentos estes nomeados por Rufino (2019) como “sabedorias de fresta” ou por Mignolo (2017) como “pensamento crítico de fronteira”, que buscam rediscutir discursos consolidados a fim de minimizar violências históricas. Nesse sentido, descolonizar o olhar significa buscar as “assimetrias de poder que estratificam a sociedade” (Pereira; Gonçalves; Da Silva; Eckhardt, 2022, p. 190) e, usando aqui como exemplo a Psicologia e a área da saúde, é necessária a busca por uma psicologia “extramuros”, que não assujeite e que leve em consideração as necessidades e realidades locais.

Em suma, assumir uma postura decolonial tem como um de seus significados exercer, como nomeia Oliveira, o “desempalidecer” epistemológico, assim compreendendo a criação dos “outros” de acordo com a Academia e com a razão europeia, centrada em discursos brancos (Oliveira, 2020). Como alerta Fanon, “Tendo ajustado o microscópio, eles realizam objetivamente cortes na minha realidade” (Fanon, 2008, p. 108 *apud* Oliveira et al., 2020). Assim, ajustar o microscópio se trata de uma escolha – a escolha de olhar para apenas uma parte do todo, mas se tratando principalmente das ciências humanas, perder o todo significa apagar histórias e processos, que nas próximas páginas buscaremos a beleza de restituir.

1.3 Revelar o processo

No livro “Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora”, Bruno Latour (2011)¹ nomeia a introdução da seguinte forma: “Abrindo a caixa-preta de Pandora” e, assim, nos convida a abrir a caixa do mundo da ciência. Explica que *caixa-preta* é uma expressão utilizada no campo da tecnologia, se referindo a uma situação com comandos complexos, que dela não é necessário nada compreender, além do que entra e do que sai (como a caixa de comandos de um avião, que antigamente era da cor preta, além de ser um nome genérico no campo da engenharia eletrônica). Ou seja, a expressão se refere ao apagamento do processo e suas incertezas. Com isso, o autor nos convida a tomar uma decisão: entrar no mundo

¹ Livro originalmente publicado em 1998.

da ciência pela porta de trás e não pela grandiosa porta da frente – o que denomina como ciência em construção e ciência acabada, respectivamente.

A expressão caixa-preta é usada em cibernetica sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexo demais. Em seu lugar, é desenhada uma caixinha preta, a respeito da qual não é preciso saber nada, senão o que nela entra e o que dela sai. (...) Ou seja, por mais controvertida que seja sua história, por mais complexo que seja seu funcionamento interno, por maior que seja a rede comercial ou acadêmica para a sua implementação, a única coisa que conta é o que se põe nela e o que dela se tira. (Latour, 2011, p. 14)

De forma a buscar compreender os processos, Latour nos apresenta as indecisões, os erros e a espontaneidade do percurso de compreensão, usando como exemplo inicial o trajeto para se chegar à estrutura do DNA que temos hoje. Apresenta uma postura que dialoga com a ciência, tecnologia e sociedade, tendo como interesse principal a ciência em ação e os processos que levam à construção de fatos. O autor apresenta que, de modo geral, recebemos a ciência pronta (no caso, uma estrutura de DNA – uma dupla hélice com emparelhamento de bases nitrogenadas específicas), devidamente encaixotada, o que apaga o processo científico. Desse modo, compreender a ciência como prática social, com regras e convenções como sendo produtos históricos e sociais, através de posturas anti-positivistas – a diferença entre explicar para predizer e explicar para compreender.

A postura que aqui buscamos é a de abrir essa caixa e questionar o dado, enquanto um dado somente coletado e entregue, ou seja, não interpretado. O que Sara Ahmed também alerta, quando escreve que é necessário “Desestabilizar o que damos por certo e, assim, compreender de que modo o que está dado é dado” (Ahmed, 2022, p. 57). Abrindo aqui um parênteses, “obstinação” é uma palavra que une esses dois autores. Ahmed escreve sobre a importância da obstinação para se viver uma vida feminista e Latour escreve sobre a importância de se ter (ou ser) um leitor obstinado (Latour, 2011), descrevendo-o como alguém que não toma a publicação de um artigo como suficiente, mas que busca outros elementos. Ou seja, é da responsabilidade do leitor buscar compreender como a pesquisa foi produzida. Abrir a caixa e questionar o conhecimento dado é, então, elaborar um *conceito suado*, como escreve a autora:

Pode ser necessário não eliminar o esforço ou trabalho da escrita. Não eliminar o esforço ou trabalho torna-se um objetivo acadêmico porque nos ensinaram a polir nossos textos, a não revelar o quanto lutamos para chegar a algum lugar. Conceitos suados também são produzidos pela experiência prática de enfrentar um mundo, ou pela experiência prática de tentar transformar um mundo (Ahmed, 2022, p. 32)

Como a professora Mary Jane Spink, com sua criatividade propõe como metáfora², é como em um trabalhoso jantar, servido com uma linda mesa-posta, que com a chegada dos convidados, as portas da cozinha são fechadas, para que a bagunça não fique à vista. Com isso, às pressas, um caldo não se engrossa o suficiente e o arroz queimado no fundo da panela não pode ser provado, mesmo que seja a parte preferida de alguém sentado à mesa. Todos ali sabem ou imaginam o trabalho e, se não se importarem com a bagunça, podem inclusive auxiliar na arrumação da cozinha e batalhar para escolher quem cuida da louça – tornando o jantar mais coletivo e real. Interpretando essa imagem, é como nos levar do artigo àquilo que dá existência ao artigo.

As ciências humanas, como a Psicologia, sofreram certas adaptações, reducionismos e vieses para que pudessem ser consideradas legítimas no campo científico, visto que “apenas as ciências naturais denominadas exatas constituíam uma forma científica válida para abordar qualquer fenômeno neste mundo” (Boss, 1974, p. 12). Essa passagem de Boss diz respeito aos contornos que Freud precisou realizar para que pudesse ser visto como cientista na época, quando requisitado a explicar os fenômenos humanos com os moldes dos fenômenos naturais – o que Mary Jane Spink (2013) nos recorda sobre o monismo metodológico. E o questionamento feito deve refletir se assim ainda não é, e em pensar em que moldes Carolina Maria de Jesus tentou ser colocada (ou melhor, encaixada).

Tendo como cenário o monismo metodológico e a circunscrição do que pode ser ciência normal, emerge uma acirrada discussão sobre o colonialismo que as ciências da natureza (Naturwissenschaften) exercem sobre as ciências humanas (Geisteswissenschaften) emergentes. Delineia-se, na discussão metodológica, um segundo modelo pautado por uma epistemologia da diferença que defende a necessidade de métodos apropriados para as ciências humanas. (Spink, 2013, p. 46)

Há a necessidade de ressignificação da relação entre sujeito e objeto, que, como alertado por Boss (1974), por muito tempo (e talvez ainda seja) foi vista como uma dicotomia, sem o entendimento de que são co-construídos sócio historicamente. Nesse sentido, ainda se acredita que a melhor maneira de acessar um fenômeno é livrando-se de suas interferências e variáveis, o que “em nossos dias, esta atitude teve como consequência a crença de que a ciência é o conjunto de métodos que pretendem isolar os fatos e observá-los sem preconceitos” (May, 1977,

²Exemplo dado pela professora Dra. Mary Jane Spink em oficina de metodologia qualitativa de pesquisa, realizada no primeiro semestre de 2024 em parceria com a Sociedade Santos Mártires e Rede Ubuntu de Educação Popular, com carga horária de 36 horas.

p. 6), ignorando a ciência enquanto prática social e que números não existem independentes de pessoas e, ainda, realizando uma “excessiva simplificação da objetividade em pesquisa, numa tentativa igualmente ingênua de controlar a subjetividade do pesquisador” (M.J. Spink, 2013, p. 48). Por fim, cabe lembrar o quanto as limitações do que se comprehende como conhecimento ou como ele é produzido aparecem também no cotidiano da universidade. Com isso, buscamos refletir criticamente sobre o que temos produzido e reproduzido no campo científico, ao mesmo tempo em que apontamos para a possibilidade de outros modos de produção do conhecimento.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Temos como objetivo geral apresentar a experiência de um local que reformula o modo de fazer pesquisa, relacionando-se de outra forma com os saberes acadêmicos. Levando em consideração as questões sociais, de gênero e étnico-raciais sobre a produção de conhecimento apresentadas acima. Para isso, conhecer, apresentar e relatar a vivência de pessoas que idealizaram e atuam no projeto.

2.2 Objetivos específicos

Como objetivos específicos, o trabalho busca: a) Conhecer, apresentar e relatar sobre um Observatório de Pesquisa situado na periferia de São Paulo, de forma a preservar a sua memória; b) Dar visibilidade para metodologias de conhecimento, de modo a adotar uma postura interseccional que leve em consideração um recorte de gênero e racial, além de conhecimentos periféricos e produzidos coletivamente; c) Compreender as transformações subjetivas possibilitadas pelas experiências relacionadas ao local pesquisado e d) Contribuir para dar visibilidade às práticas realizadas no local.

3 MÉTODO

Como direções metodológicas da pesquisa, qualitativa e desenvolvida no campo da Psicologia, foram realizadas as seguintes etapas: Revisão Bibliográfica; Prospecção de Campo; Submissão do Projeto para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-SP (nº do parecer 7.252.323); Realização de entrevistas semiestruturadas com os participantes da pesquisa; Análise qualitativa dos resultados e Confecção do material final. Após o término do processo de avaliação, a devolutiva do material final ao local abordado constitui-se como a última etapa metodológica.

3.1 Etapas procedimentais

A Revisão Bibliográfica foi realizada desde início de modo transversal, sobre o campo social e conceitual da pesquisa e buscando uma perspectiva interseccional. Com três etapas nitidamente marcadas, a Prospecção de Campo se deu com (1) o alinhamento das expectativas do trabalho com o local abordado; (2) o acordo de termos da pesquisa com o local, especialmente quanto aos cuidados éticos a serem tomados em todo o seu desenvolvimento, em consonância com a legislação vigente (Res. N. 466 de 12/12/2012 – MS/CNS/CONEP)³ e (3) a submissão do Projeto para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-SP, aprovado com número de parecer 7.252.323.

Ao todo, foram realizadas três entrevistas, totalizando, em média, duas horas de material gravado, que foi posteriormente transscrito para fins de análise (41 páginas de conteúdo escrito). Foram utilizados dois roteiros distintos para essas entrevistas⁴, pensando em coletar diferentes perspectivas a respeito do Observatório de Pesquisa estudado. Os roteiros serviram como guias, mas as conversas prezaram pela flexibilidade, permitindo aos participantes abordarem assuntos que consideraram importantes.

Como objetivo inicial, tínhamos o relato da experiência de pessoas que idealizaram o projeto e que estão presentes nele desde o seu início. Entretanto, com o caminhar da pesquisa, sentimos a necessidade de realizar uma terceira entrevista, com um roteiro distinto, que pudesse abordar para além dessa perspectiva da estruturação do Observatório. Essa necessidade justifica a mudança necessária na amostra acordada previamente, realizando, ao invés de duas

³ Termos disponíveis em Apêndices.

⁴ Disponível em Apêndices.

entrevistas, três. Além disso, a ampliação da amostra também foi motivada pela busca da diversidade de gênero e raça/cor entre as pessoas entrevistadas.

Os materiais foram armazenados sob sigilo, em computador de uso pessoal da pesquisadora, ao qual apenas ela e sua orientadora tiveram acesso. Posteriormente, foi realizada a análise qualitativa das entrevistas realizadas, relacionando-as com os subsídios da revisão bibliográfica, com o campo da Psicologia e com a concretude da vida social e histórica. Finalmente, a confecção dos textos e produtos finais, como o presente Trabalho de Conclusão de Curso e devolutivas para o local abordado.

3.2 Forma de análise e confecção dos resultados

De início, para o processo de análise dos materiais, é necessário pontuar o envolvimento prévio da autora com o Observatório Ibira30. A orientanda iniciou sua trajetória no espaço em abril de 2024, de forma voluntária, e atualmente é o seu local de trabalho. Com inspiração nas ideias de Bardin (1985), a análise de dados da pesquisa será realizada através da **Análise de Conteúdo**, que consiste em três etapas: **a) pré-análise; b) exploração do material e descrição analítica; e c) análise e interpretação dos resultados.**

A fase de pré-análise tem como objetivo principal a organização do material, para que ele possa ser analisado. Com isso, algumas etapas dessa fase são: leitura flutuante, escolha dos documentos, formulação de hipóteses e objetivos e elaboração de indicadores. Para o presente trabalho, o que marcou tal fase foi a repetida escuta do material gravado, sua transcrição e edição, que permitiu selecionar trechos considerados significativos para estarem integralmente presentes aqui. Como também lembram Rosa e Domingues (2010), é importante que o pesquisador transforme o que é narrado em texto, que “identifica e realça marcas no discurso, posições, efeitos de sentido” (Rosa; Domingues, 2010, p. 186).

Na exploração do material e descrição analítica, ocorre a codificação, a categorização, o registro das unidades e, caso necessário, a quantificação. A ideia principal dessa fase é conseguir trabalhar de modo minucioso com o que foi selecionado de conteúdo na pré-análise. Por isso, aqui nos atentamos mais para determinadas frases, palavras e expressões. É interessante agrupar o que ressalta aos olhos e ouvidos, criando categorias temáticas. Muitas vezes existem temas que se repetem significativamente entre as entrevistas, essa repetição pode representar uma quantificação, que auxilia a pensar em categorias importantes para a análise.

A análise e interpretação dos resultados está relacionada com o que, novamente, escrevem as autoras sobre a transferência instrumentalizada, que deve estar presente na situação de pesquisa (Rosa; Domingues, 2010). A transferência instrumentalizada é uma forma valiosa de se relacionar com os materiais produzidos de modo a favorecer as percepções sobre o que é dito e como é dito. Nesse sentido, auxilia no que se propõe essa fase da Análise de Conteúdo pensada por Bardin, ou seja, na interpretação implicada das narrativas.

Levando em consideração a metodologia exposta acima para a confecção dos resultados, ressaltamos a não neutralidade dos afetos ao longo do processo de pesquisa, considerados importantes indicadores de sentido para a seleção de trechos e temáticas abordadas com relevância no trabalho. Isso considerando que “é impossível ter acesso ao fenômeno tal como ele é, já que os dados obtidos são resultantes da relação que se estabelece entre pesquisador e pesquisado [...]” (Rosa; Domingues, 2010, p. 185). Nesse sentido, a relação entre a pesquisadora e os participantes da pesquisa, como explicado anteriormente, já existia, com transferências pessoais e institucionais que enriquecem os resultados obtidos, amparados por uma metodologia que defende a postura ética e implicada e que reforça a não dicotomia entre sujeito e objeto de análise.

4 FUNCIONAMENTO E IMPACTOS DO BLOCO DO BECO NO JARDIM IBIRAPUERA

“A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam” (Leonardo Boff)

O Bloco do Beco, local que trataremos aqui, foi apresentado a orientanda por um querido professor da universidade e, desde abril de 2024, faz parte de seu cotidiano. Em específico, apresentaremos sobre o Observatório Ibira30, um dos projetos dessa Associação, que reformula o modo de fazer pesquisa e que acreditamos vir de encontro com o que apresentamos até então.

O observatório em questão enxerga a pesquisa como uma ferramenta de transformação implicada. Não é a pesquisa que aponta e vai embora, que valida apenas para ensimesmar, para publicar e encapar. Ou uma pesquisa que assujeita e que se acredita capaz de dar voz, algo completamente diferente ao reconhecimento de uma voz que já existe. Foi em um curso de pesquisa ministrado pela professora Mary Jane Spink, no território de M’Boi Mirim, mais especificamente o Jardim Ângela, que a aluna ouviu um colega dizendo que seus professores dedicavam tempo de suas aulas para explicar como chegar à periferia, (somente) para poder pesquisá-la. Esse colega era um estudante bolsista em uma das faculdades mais caras de São Paulo e, quando foi apresentado sobre a periferia em seu curso, foi para ouvir sobre como tratá-la como um objeto de estudo. E ele colocou sua frustração a respeito disso, explicitando que a periferia é considerada um valioso objeto de estudo acadêmico para quem está distante, mas quem está dentro do território é apartado dessas possibilidades.

A pesquisa em ação não se finda no estudo, mas é aplicada para melhorar a vida. E assim surge o questionamento do porquê compreendemos a pesquisa apenas como algo reservado à Academia ou às pessoas muito bem formadas e não como um instrumento real de transformação. O que apresentaremos aqui é justamente um exemplo do uso da pesquisa como ferramenta que funciona, que espanta por sua obstinação e que não corre o risco de reproduzir o que Latour e Ahmed nos alertaram a respeito da criação de dados esvaziados de conteúdo.

4.1 O que é o Bloco do Beco e o Observatório Ibira30

Nasceu em 2002 a Associação Cultural Recreativa Esportiva Bloco do Beco⁵, fundada pelo desejo de preservar e valorizar a cultura do carnaval de rua. Para isso, sambistas e moradores se juntaram e ainda hoje cumprem a missão de garantir o direito à cultura para a

⁵ <https://blocodobeco.org>

população local. É um espaço que, além de incentivar a cultura, a enxerga como uma ferramenta de diálogo para o desenvolvimento local. Com o objetivo de promover o acesso à cultura popular e ao bem-estar para as pessoas do território, o Bloco do Beco possibilita o acesso a diferentes expressões culturais, realiza a preservação de patrimônios imateriais, fortalece os vínculos comunitários e está conectado à atuação em redes no território, principalmente em diálogo com as redes de saúde e educação.

Reafirmando diariamente os valores de coletividade, acolhimento, respeito à diversidade, alegria, educação pelo afeto, incentivo à livre criação e transparência, buscam ser uma organização de referência cultural na cidade de São Paulo, nascida em bairro periférico. Localizado na região de M'Boi Mirim, a área de atuação do Bloco do Beco é o Jardim Ibirapuera, território com aproximadamente 42 mil moradores, sendo um exemplo da produção e promoção de conhecimento realizado coletivamente e junto ao saber popular e periférico. Algumas das ações do Bloco do Beco são o oferecimento de oficinas gratuitas, aulas gratuitas, por exemplo de modalidades como dança e pilates, o embelezamento do território e a organização de festas que celebram, por exemplo, o Maracatu, além do carnaval do bairro.

Um dos projetos realizados pelo Bloco do Beco é o Observatório de Pesquisa nomeado como Ibira30⁶, cujo foco de estudo é promover pesquisas territoriais dedicadas a construir dados sobre cultura e economia criativa, educação, assistência social, justiça, saúde e meio ambiente. Com isso, assim como a cultura, a pesquisa também é enxergada como uma ferramenta de diálogo para o desenvolvimento local. O observatório possui quatro frentes de atuação, de modo a promover educação de qualidade (com projetos de incentivo a um bairro educador), saúde e bem-estar, soberania alimentar e comunidades sustentáveis, com foco em planejamento urbano. Para isso, são produzidos e coletados indicadores importantes do bairro, capazes de influenciar as políticas públicas e ações conectadas ao investimento social privado estratégico, tendo como objetivo o desenvolvimento local e a redução de desigualdades. Ou seja, por meio da tecnologia, pesquisa aplicada, comunicação estratégica e construção de redes de diálogo, o Observatório de Pesquisa Ibira30 cria oportunidades de desenvolvimento no território, firmando um compromisso com a transformação a longo prazo do bairro. Nesse sentido, o presente trabalho visa olhar para esse modo de fazer pesquisa do território, dando visibilidade para a eficácia do dispositivo ali criado, que faz pesquisa de dentro para fora e não de fora para dentro, ou seja, da periferia à Universidade.

⁶ <https://observatorioibira30.org/>

5 DIÁLOGO COM CONCEITOS E PENSAMENTOS FUNDAMENTAIS

5.1 Desafiando a neutralidade

5.1.1 O olhar feminista para a construção do conhecimento

O discurso científico é institucionalizado, pautado principalmente na validação pelos valores ocidentais e pela aproximação com a neutralidade ou “espelhamento da natureza” (M.J. Spink; Menegon, 2023, p. 44). Apresentar a pesquisa como uma prática social, então, “requer um esforço continuado de ressignificação de aspectos implicados no desenvolvimento de uma metodologia de pesquisa” (M.J. Spink; Menegon, 2013, p. 43). Dessa forma, o status de científicidade se desdobra sobre o diálogo do que é ciência e como validar outras formas de conhecer - uma conversa sobre método, metodologia e epistemologia. Mary Jane explica nuances desse diálogo e, historicamente, situa a necessidade do surgimento de novos métodos para se pensar as ciências humanas:

Tendo como cenário o monismo metodológico e a circunscrição do que pode ser ciência normal, emerge uma acirrada discussão sobre o colonialismo que as ciências da natureza (Naturwissenschaften) exercem sobre as ciências humanas (Geisteswissenschaften) emergentes. Delineia-se, na discussão metodológica, um segundo modelo pautado por uma epistemologia da diferença que defende a necessidade de métodos apropriados para as ciências humanas. (M.J. Spink; Menegon, 2013, p. 46)

Ainda, a autora explica que é no contexto do monismo metodológico, que a diferenciação entre os métodos quantitativos e qualitativos tomam contornos equivocados, com a glorificação dos números, que cria uma associação da mensuração quantitativa com rigor e dos métodos qualitativos com a subjetividade (M.J. Spink; Menegon, 2013). Além da “excessiva simplificação da objetividade em pesquisa, numa tentativa igualmente ingênua de controlar a subjetividade do pesquisador” (M.J. Spink; Menegon, 2013, p. 46). Misturar essas concepções e criar uma zona comum nessa dicotomia “quanti-quali” faz parte do processo de desmistificar a ciência.

Sobre essa desmistificação, Mary Jane pontua a pesquisa feminista e a de gênero como contribuições importantes desse processo:

De forma semelhante, a pesquisa feminista e a de gênero têm trazido importantes contribuições no sentido de desmistificar a ciência e situá-la como prática social, atravessada por questões de poder que têm como consequência

a hierarquização por gênero e a cristalização da diferença (M.J. Spink; Menegon, 2013, p. 52)

A Epistemologia feminista dá luz à questão das verdades e falsidades serem construídas com pilares morais, políticos e culturais, excluindo uma parte significativa da produção de saberes.

Nesse sentido, as Epistemologias Feministas auxiliam a pensar uma ciência que se afasta dos conhecimentos impostos dentro de uma lógica branca e patriarcal. Considerando o modo de fazer pesquisa feminista como um método inovador e criativo, o que Latour possivelmente consideraria como um método que busca repensar a ciência, e Haraway como um caminho para alcançar os conhecimentos situados, propomos conhecer este novo olhar para a ciência. Postura que se entrelaça com o campo da Psicologia, ao defender a impossibilidade de assujeitamento perante a construção e aplicação desse conhecimento.

Ser feminista é aceitar ser afetada pelo cotidiano de uma outra forma, que altera o modo que educamos alguém, que andamos na rua, que lemos o mundo e, claro, o modo de produzir conhecimento e fazer pesquisa. Importante ressaltar aqui que estamos tratando de uma metodologia, de um rigor e de um modo de produção de conhecimento, que mostram ser possível a ciência que se afasta dos moldes patriarcais - o que já recria grande parte das histórias aprendidas.

No livro “Viver uma vida feminista”, Sara Ahmed nos provoca a pensar o feminismo como um convite a um modo de experienciar a vida, como o universal e não como o particular. A cada página, quem a lê comprehende que não é sobre as particularidades:

“[acreditava que] o feminismo era sobre o particular, não o geral; o relativo, não o universal; que o feminismo era sobre questionar e confrontar a violência sexual, a desigualdade e a injustiça, não a natureza da realidade em si. Não tinha entendido que o feminismo era uma via para confrontar o universal.” (Ahmed, 2022, p. 57)

Nessa via para confrontar o universal, a construção do conhecimento não tem como ser deixada de lado. Nomeada como ciência ou epistemologia feminista, são vias que confrontam o sexism e o racismo e, com isso, questionam um mundo dado por muito tempo. Com posicionamentos importante de uma mulher lésbica e de cor (como descreve a si própria), a autora consegue recriar cenas com palavras que são capazes de transpor a angústia do que é ser feminista, do que é ser “estraga-prazeres” e “obstinada”. O exemplo real que trazemos neste trabalho é uma ação obstinada de se fazer ciência e construir conhecimento em território

periférico. Fica claro que viver uma vida feminista é um ato político, é sobre desmantelar um mundo que foi construído para acomodar, contar e descrever apenas determinados corpos - é criação de mundo:

O feminismo está em jogo no modo como produzimos conhecimento, em como escrevemos, em quem citamos. Penso no feminismo como um projeto de construção: se nossos textos são mundos, eles têm que ser feitos de materiais feministas. Teoria feminista é criação de mundo. (Ahmed, 2022, p. 32)

O método feminista permite o reconhecimento de um saber não hegemônico, como, por exemplo, a proposta da escrevivência de Conceição Evaristo ou os relatos de Carolina Maria de Jesus, um saber que é implicado com afetos que permitem criar ou reinventar redes de apoio, que se amparam na coletividade como força motriz das ações. Falar sobre metodologia feminista não significa uma prática voltada apenas para o que tange às questões de gênero, mas é enxergar o feminismo como um compromisso ético e político, por isso atravessa o fazer de uma ciência contra qualquer forma de opressão ou silenciamento.

Rayza Sarmento⁷ (2019) aborda sobre o enquadramento realizado nos meios de comunicação e como os estudos feministas de mídia buscam um olhar diferenciado para a seleção do que é enquadrado. Seleção é uma palavra interessante para ser aqui colocada, no sentido de uma escolha ativa do que é mostrado (enquadrado) pela mídia. Nesse sentido, o enquadramento implica a exclusão e se constrói muitas vezes alienado aos contextos sócio-históricos, como assim é feito no campo científico. Esse enquadramento dialoga com o que Haraway defende sobre a existência de uma violência implícita (uma seleção) no ato de enxergar (Haraway, 2023).

Sandra Harding (1987) defende que não existe um método essencialmente feminista, mas uma técnica de coleta de informações (Harding, 1987 *apud* Sarmento, 2019), ou seja, posturas que norteiam a construção do conhecimento, de modo a dar visibilidade para conhecimentos excluídos e para quem os investiga. Nesse sentido, o encontro do feminismo com o campo da ciência vai além da satisfação de uma curiosidade intelectual e possui um objetivo emancipatório de democratizar a produção do conhecimento (Alcoff; Potter, 1993 *apud* Sarmento, 2019). Sarmento demonstra, ainda, que Harding (1986) observa três correntes presentes na epistemologia feminista:

⁷ Escolhemos tratar as pesquisadoras citadas com o nome e sobrenome. Isso porque na Academia, ao tratar apenas com o sobrenome, pesquisadoras são apagadas, sendo frequentemente referenciadas com nomes masculinos.

a) o feminismo empiricista, que critica a ausência das mulheres no fazer científico, mas não questiona estruturalmente a ciência em si; b) o *feminist standpoint* (ou feminismo perspectivista – Sardenberg, 2001), o qual atribui às mulheres um privilégio epistêmico advindo das condições de opressão; e c) o feminismo pós-moderno que busca fazer ciência compreendendo as fraturas que constituem os sujeitos, rejeitando as categorias de objetividade. (Harding, 1986 *apud* Sarmento, 2019 *et al.*, 2019, p. 107)

Com foco em um feminismo pós-moderno, é indispensável considerar as duas outras correntes citadas - o feminismo empiricista relacionado principalmente ao olhar decolonial para o mundo da pesquisa e da ciência e o *feminist standpoint* como premissa para afastar a falácia de uma ciência neutra e integrar as motivações e implicações da pessoa pesquisadora.

5.1.2 Repensando a objetividade

A respeito da suposta neutralidade científica, Harding (2019) escreve sobre a objetividade forte. A autora situa o leitor no contexto da década de 1970, quando o movimento feminista reivindicou o abandono da objetividade, para que o valor da pesquisa qualitativa fosse considerado, a fim de dar espaço para as mulheres na ciência e nas dinâmicas sociopolíticas. Até então, apenas as pesquisas quantitativas, consideradas neutras, tinham título de confiabilidade.

Em cada organização disciplinar, formaram-se grupos de mulheres e coletivos de pesquisadoras feministas para desafiar as posições dominantes da disciplina e para levantar questões que haviam sido negligenciadas e para as quais as mulheres desejavam respostas. As assim chamadas questões femininas não poderiam ser simplesmente agregadas ao conhecimento sedimentado das disciplinas. A busca destas questões frequentemente contestava as posições básicas de tais disciplinas. Assim, as feministas argumentaram que reconhecer e valorar esse tipo de diversidade nos interesses e valores sociais aumentaria a confiabilidade dos resultados das pesquisas. E ao usar uma metodologia que respondesse as questões para as quais as mulheres queriam respostas, elas obteriam recursos para avançar em direção aos seus interesses e desejos. Mas no que consiste essa metodologia? (Harding, 2019, p. 6)

Para responder a essa pergunta, a autora escreve sobre as teorias da perspectiva (*standpoint theories*), que dizem respeito aos conhecimentos e crenças predominantes serem representativos dos interesses dominantes, em sociedades estruturadas de forma desigual. Nesse sentido, o Estado representa os interesses masculinos, ou o "Estado é masculino" (MacKinnon,

1983 *apud* Harding, 2019). Por isso, o que se comprehende pela objetividade é, de modo geral, o ponto de vista masculino. Isso se torna concreto ao tomarmos como exemplo o cotidiano social e as instituições jurídicas, prontos para apontar o dedo para a mulher e colocar a culpa da violência sofrida por ela em seu decote, saia ou batom.

A teoria da perspectiva defende que os pesquisadores que buscam as perspectivas econômicas, políticas e sociais dos grupos vulneráveis que não criaram, nem gerenciam as instituições dominantes, suas culturas ou suas práticas, podem ganhar recursos importantes para novas questões das pesquisas, e novas informações e visões que aumentam o escopo e a confiabilidade dos resultados das pesquisas. (Harding, 2019, p. 162)

Assim como o movimento feminista, outros movimentos sociais libertários produziram críticas reivindicando o espaço na produção de conhecimento, com projetos de uma ciência antirracista, anticlassista e pós-colonial (Harding, 2019). Com isso, investigações fora dos quadros dominantes passam a ser buscadas, no cotidiano de grupos considerados oprimidos e na tentativa de relatos mais objetivos (o objetivo com sentido de fidedignidade) a respeito das relações sociais. É com tal reconhecimento da produção de conhecimento em pilares dominantes, que surge a proposta de "objetividade forte". Harding é quem cunhou o termo, que tem como foco "responder questões sobre a relação entre as condições de vida dos sujeitos e as principais relações sociais que formam tais condições" (Harding, 2019, p. 146), sem a pretensão de uma ciência perfeita, mas uma que não seja exclusivamente (ou obrigatoriamente) hegemônica.

5.2 Saberes situados: conhecimentos a partir do território

"Gostaríamos de crer que nossos apelos aos mundos reais são mais do que o abandono desesperado do cinismo e um ato de fé como o de qualquer outro culto, seja qual for o espaço que damos generosamente para todas as mediações ricas e sempre historicamente específicas através das quais nós e todas as outras pessoas devemos conhecer o mundo" (Haraway, 2023, p. 323)

5.2.1 Conhecimento situado

Para discorrer sobre o que é um conhecimento territorial e a sua importância, Donna Haraway é uma figura central no assunto. Haraway convoca os construcionistas sociais para pensar a produção do conhecimento científico, pensamento que nos auxilia a deixar de lado o método científico e a objetividade enquanto ferramentas de uma ciência positivista. Isso não significa deixar de lado o rigor, muito pelo contrário, faz com que o rigor científico esteja ainda

mais presente quando aprendemos que a caminhada e a escuta também são métodos valiosos (Haraway, 2023). A autora coloca que seu objetivo era criar uma ferramenta capaz de “desconstruir as reivindicações da verdade feitas pela ciência hostil ao demonstrar a especificidade histórica radical” (Haraway, 2023, p. 324), desse modo “descascar a cebola” das construções científicas para contestar suas camadas, em busca de ir além de alertar sobre os vieses e o perigo da neutralidade ou da objetividade.

São defendidos como sendo os conhecimentos preferidos, pois são os mais próximos de abordagens que podem ser sustentadas, adequadas, objetivas e transformadoras de mundo. Com o alerta do perigo de que não podemos romantizar a construção de um conhecimento situado, afinal, nenhum olhar é isento de problemas.

Esse posicionamento preferido é hostil tanto às várias formas de relativismo quanto às versões mais explicitamente totalizantes das afirmações de autoridade científica. Porém, a alternativa ao relativismo não é a visão totalizada e única, que é, sempre e afinal, a categoria não marcada cujo poder depende do estreitamento e do obscurecimento sistemáticos. A alternativa ao relativismo são os conhecimentos parciais, localizáveis e críticos que sustentam a possibilidade de redes de conexões chamadas, na política, de solidariedade e, na epistemologia, de diálogos compartilhados. O relativismo é um jeito de estar em lugar nenhum enquanto se afirma estar igualmente em todo lugar. (Haraway, 2023, p. 334)

Nesse sentido, a localização vulnerabiliza, resiste a um conhecimento utilitário e fechado em si e a objetividade feminista resiste à simplificação.

Falar sobre conhecimento situado é falar sobre a objetividade feminista - “a objetividade feminista diz respeito à localização limitada e ao conhecimento situado, e não à transcendência e à cisão entre sujeito e objeto. Dessa forma, devemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver.” (Haraway, 2023, p. 332). E como complementa:

Nós não buscamos os conhecimentos regidos pelo falogocentrismo (a nostalgia pela presença do Verbo uno e verdadeiro) e pela visão desencarnada, mas os que são regidos pela visão parcial e pela voz limitada. Não procuramos a parcialidade por si só, mas pelas conexões e aberturas inesperadas que os conhecimentos situados tornam possíveis. O único modo de encontrar uma visão mais ampla é estando em algum lugar particular. A questão da ciência no feminismo diz respeito à objetividade como racionalidade posicionada. Suas imagens não são os produtos do escape e da transcendência dos limites, isto é, a visão de cima, mas a união de visões parciais e de vozes de interrupção para uma posição de sujeito coletiva que prometa uma visão dos meios de incorporação finita contínua, de viver dentro dos limites e das contradições, ou seja, das visões a partir de algum lugar. (Haraway, 2023, p. 343).

Pode ser que não seja óbvia a relação que as autoras propõem ao relacionar o feminismo com o fazer científico. Mais do que isso, compreender que não é uma pauta sobre gênero (ou somente sobre isso), mas é a proposta de um novo olhar para o mundo e para o que foi dito dele até então. Como Haraway coloca, de modo descontraído, a “história transformativa do Patriarcado Capitalista Branco (como chamar essa coisa escandalosa?), que transforma tudo em um recurso de apropriação [...]” (Haraway, 2023, p. 345). Nesse sentido, passamos a entender que a história foi construída e contada por um homem branco e, por isso, sua reconstrução demanda o olhar antipatriarcal, que se dá pelo olhar feminista.

Ainda, como colocado anteriormente, pensar em uma nova forma de objetividade, que por muito tempo foi compreendida como sinônima ao ponto de vista masculino. É desse modo que o fazer feminista é, mais do que uma luta por equidade de gênero, um convite à escolha de um olhar interseccional, racial, coletivo e dentre outras posturas que afirmam a possibilidade de um saber que comprehende o objeto enquanto agente. E um mundo não reificado, com a defesa da lógica de uma contínua conversação, ao invés da descoberta somente. A prática feminista, então, realiza a “ativação” de categorias historicamente passivas na construção do conhecimento (Haraway, 2023).

Ainda, a desmistificação científica refere-se à ideia de ressignificar o fazer científico e repensar a dicotomia científica, que faz com que, de um lado, estejam as práticas científicas com princípios, regras e métodos, que propõe o conhecimento legítimo e, do outro, o senso comum, com o saber cotidiano e um conhecimento pouco sistemático. Assim como a pesquisa feminista, outra postura importante para a desmistificação científica é a epistemologia construcionista, que tem como premissa manter a conversa aberta, sem fechamentos precipitados das discussões. O método construcionista apresenta-se como único ou múltiplo, com a combinação de estratégias quantitativas e qualitativas, bem como a triangulação metodológica.

É uma epistemologia que desloca o debate da dicotomia do quanti-quali para a do realismo e construcionismo (M.J. Spink; Menegon, 2013). Com isso, o foco principal está na “explicação dos processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam ou contabilizam o mundo no qual vivem, incluindo a si mesmas” (M.J. Spink; Menegon, 2013, p. 54). Esse pensamento muito se assemelha com o fazer do observatório Ibira30, principalmente pensando que o construcionismo defende que o “conhecimento não é uma coisa que as pessoas possuem

em suas cabeças, mas algo que elas fazem juntas”, além da “ressignificação da relação entre sujeito e objeto” (M.J. Spink; Menegon, 2013, p. 55). Princípios presentes no observatório, que tem como princípio fundamental a compreensão da sua atuação como sendo pesquisas colaborativas.

Outro conceito importante para nos ajudar a entender e apresentar o trabalho do Observatório Ibira30 e somar em nossa discussão é o de *Pesquisa-ação*, aprofundado por Peter Spink no contexto brasileiro. O autor e psicólogo é responsável pelo mergulho no debate que convoca a Psicologia Social para pensar a pesquisa de campo. Com isso, Spink (2003) discute sobre a relação entre o pesquisado e o pesquisador, ampliando o conceito do campo de uma pesquisa. Assim, desloca o termo de um local concreto: “Campo portanto é o argumento no qual estamos inseridos; argumento este que têm múltiplas faces e materialidades, que acontecem em muitos lugares diferentes” (P. Spink, 2003, p. 28).

A ideia de pensar em campo-tema é um convite para perceber o campo espalhado no cotidiano, ou seja, aproximar o pesquisador do dia a dia. E lembra que, sobre o pesquisar, “só o mal avisado pode pensar que isso é uma atividade neutra” (P. Spink, 2003, p. 37). É no cotidiano que os sentidos aparecem, são produzidos e negociados, por isso o simples (e complexo) estar nele é que permite uma “pesquisa social situada” (P. Spink, 2008). Ser um pesquisador no cotidiano e encarar a pesquisa como ação, significa estar no campo não como um pesquisador participante (e menos ainda como observador), mas através da captura espontânea das questões diárias, ser parte da cena.

Fazer parte significa estar ali, estar pisando na rua de onde se escreve, “sentar em cafés, andar nas ruas, escutar conversas alheias, conversar em filas e olhar a arquitetura urbana” (P. Spink, 2008, p. 75), compreendendo que isso também é ciência, que é pesquisa-ação. Esse estar em cena e a inserção no campo-tema dependem da coletividade, que desenha uma “ecologia de saberes”, na qual o pesquisador é apenas uma parte de um todo, que só pode ser construído pela contribuição de muitos. Isso é o que torna as pessoas pesquisadas também pesquisadoras, fator importante para ressignificar a relação sujeito-objeto e pensar no protagonismo de vozes historicamente silenciadas.

5.2.2 Protagonismo periférico

Falamos até aqui sobre reinventar a prática de conhecer com afeto e criatividade, a importância da leitura interseccional étnico-racial e social do conhecimento, a ressignificação da relação entre sujeito e objeto, as metodologias feministas que defendem um saber não

hegemônico (branco e patriarcal), a noção de objetividade forte e os saberes situados. Dentre outros saberes, que foram os caminhos encontrados para falar sobre o protagonismo periférico, relacionado às práticas do saber.

Para bell hooks⁸ e Paulo Freire, *esperançar* é a “condição para o estabelecimento de comunidades educativas dispostas a reagir à violência das opressões vigentes em ambientes estruturalmente hostis à liberdade de expressão e a questionamentos das relações verticalizadas que as sustentam” (hooks, 2021, p. 13). Ainda, hooks defende a necessidade de desafiar a transmissão de conhecimento, a importância de se deslocar pelo mundo para isso e de reinventar as formas de transmitir as informações, para além de uma sala de aula. Assim, muito do que um observatório de pesquisa periférico propõe atravessa a questão da educação, principalmente pensando no sonho e objetivo de se educar uma comunidade, para que ela possa passar a enxergar o seu próprio potencial.

Enquanto hooks e Freire falam sobre uma pedagogia da esperança, pautada em princípios de uma educação libertadora, podemos considerar que o que a pesquisa vinda da periferia busca é construir uma forma de conhecimento libertadora, que desafia a neutralidade e as formas de conhecimento distanciadas e que convoca a falar sobre o comprometimento ético e político necessários. Isso possibilita, para a periferia, passar a se perceber também como o sujeito ativo e não apenas como objeto da pesquisa. O Observatório de pesquisa Ibira30 nasce buscando conectar a criatividade ao sonho de transformar o Jardim Ibirapuera, na Zona Sul de São Paulo, através da construção de dados, que se tornam importantes indicadores para parcerias e investimentos estratégicos. Com isso, defendem que a “produção de conhecimento pela periferia e para a periferia é um movimento de emancipação e reposicionamento no campo do saber.” (Pesquisa de Percepções de Impacto Social Escadão Galeria, Observatório Ibira30, 2025, np).

O protagonismo periférico reivindica seu lugar no campo do conhecimento, recria critérios de legitimidade, que dialogam com a relevância acadêmica e amplia as possibilidades de compreender a realidade, a partir dela mesma. Os conceitos de *pensamento orgânico* e *pensamento sintético* de Nego Bispo (Bispo, 2015), o primeiro sendo pautado pelo saber comunitário de povos quilombolas e indígenas, na oralidade, na ancestralidade e na prática e

⁸ É um pedido da autora a utilização de seu pseudônimo com a escrita somente em letras minúsculas. Uma escolha estética, política e simbólica, com o objetivo de dar foco para o conteúdo de sua escrita, em recusa ao pedestal intelectual.

relação direta com o ambiente, e o segundo pelo saber colonizado, que afasta e desconecta o saber da experiência, também são importantes para tratar sobre protagonismo periférico. Isso porque, historicamente, os territórios periféricos foram abordados de forma distanciada, através do *pensamento sintético*, principalmente com perspectivas que ignoram a potência e que limitam o território à escassez e violência.

Bispo descreve, em “Colonização, quilombos: modos e significações”, o funcionamento social de uma casa de farinha. A descrição da experiência demonstra uma rotina permeada pela coletividade das comunidades quilombolas e indígenas, baseadas no pensamento orgânico. No final do capítulo, destaca:

[...] a melhor maneira de guardar o peixe é nas águas. E a melhor maneira de guardar os produtos de todas as nossas expressões produtivas é distribuindo entre a vizinhança, ou seja, como tudo que fazemos é produto da energia orgânica esse produto deve ser reintegrado a essa mesma energia. (Bispo, 2015, p. 45)

Assim como a melhor forma de cuidar dos peixes é deixá-los nas águas, a melhor forma de conhecer a periferia é deixá-la falar por si própria. Nesse sentido, o cenário muda quando os moradores se tornam pesquisadores e narradores de suas próprias vivências e estão a par, na vizinhança, do que se tratam as pesquisas sobre a realidade deles, que estão em andamento.

Em “Ensinando a transgredir: práticas da liberdade”, bell hooks também escreve sobre a sua experiência pessoal, de ter vivido a mudança da escola em que frequentava, sendo antes uma escola apenas de pessoas negras, que mudou radicalmente com a integração racial imposta na época. bell hooks conta que a escola, antes um lugar de prazer e alegria por aprender, passou a ser colonizada pelo zelo messiânico. Com isso, “De repente, o conhecimento passou a se resumir à pura informação. Não tinha relação com o modo de viver e de se comportar” (hooks, 2013, p. 12). A autora conta que essa transição fez com que os alunos negros passassem a serem vistos como os penetras, experiência que a ensinou a diferença entre a educação como prática da liberdade e a educação como forma de dominação (hooks, 2013).

A autora também se aprofunda em apontar as estratégias necessárias para um aprendizado multicultural, ideia que dialoga com o que Nego Bispo escreve sobre os pensamentos pluristas e territorializados versus pensamentos monistas e desterritorializados (Bispo, 2015) e o conceito de *conhecimento situado* de Donna Haraway, apresentado anteriormente. Nesse sentido, hooks escreve sobre a importância de “aprender e aceitar

diferentes maneiras de conhecer" (hooks, 2013, p. 59), estratégias que ela nomeou como *códigos culturais*. Pensamentos pluristas e territorializados, situados ou códigos culturais, são formas de desafiar os mecanismos tradicionais de validação do saber, em sua maioria concentrados no mundo acadêmico, por ser fundamentado em saberes ocidentais, brancos e patriarcais. É assim que a produção periférica busca romper com a exclusão epistemológica, buscando resgatar as práticas comunitárias, o saber ancestral e a oralidade possibilitadas pelo estar no território.

Pensar no protagonismo periférico implica refletir sobre o processo de emancipação que o questionar dos paradigmas vigentes propicia, que retira a periferia do lugar da falta e possibilita a potência, a reflexão, a transformação e o pensar o mundo - "a periferia não é apenas o objeto de estudo, mas o sujeito ativo que investiga, interpreta e comunica os resultados" (Observatório Ibira30, 2025). Ou seja, a comunidade se engaja, ao tornar-se parte de algo comum, que reforça o senso de pertencimento e que consolida o conhecimento territorial também como uma ferramenta de saúde mental, através do reconhecimento.

5.2.3 O que faz um Observatório de Pesquisa Periférico?

Um Observatório de Pesquisa Periférico se propõe a ser uma ferramenta de transformação social, com a produção de indicadores através da pesquisa. Um observatório se utiliza da observação sistemática e contínua, que permite estar atento para abordar temas relevantes para os objetivos de cada organização. Os objetivos dependem do formato do observatório, podendo ser um observatório universitário, periférico, de movimentos sociais ou organizacionais, por exemplo. Algumas características de um observatório de pesquisa são a dedicação a um tema ou território, a sistematização para a divulgação de dados coletados, o diálogo com outros modos de conhecimento e o impacto político e social (Site Observatório de Favelas).

No caso do observatório periférico, o objetivo é traçado pensando no compromisso com o território, no sentido de permitir com que a periferia se conheça e reconheça a partir dela mesma. Com isso, como foi colocado anteriormente, um Observatório de Pesquisa Periférico tem como principal valor o respeito ao protagonismo de zonas periféricas, viabilizando uma relação de pesquisa entre sujeitos, ao invés de sujeito-objeto devido à inserção e vivência contínuas e ao constante diálogo com o território.

Além do Observatório Ibira30, um outro exemplo é o Observatório de Favelas, situado no Conjunto de Favelas da Maré, desde 2001. Ambos os locais se comprometem a pensar a

cidade tendo as periferias e favelas no centro das decisões, com a construção de indicadores importantes para se pensar as políticas públicas. Agem voltados à garantia do direito à cultura, segurança e educação, promovendo o direito à cidade. Desse modo, buscam “novos caminhos para a redução das desigualdades e o fortalecimento de favelas e periferias como territórios de potências e direitos” (Site Observatório de Favelas)⁹.

⁹ <https://observatoriodefavelas.org.br/quem-somos/>

6 RESULTADOS: REVELANDO O QUE É POSSÍVEL

6.1 O que relatam sobre a experiência do Ibira30

Nas próximas páginas, o leitor encontrará os resultados do material, ou seja, a apresentação da análise das três entrevistas realizadas, com pessoas que idealizaram e atuam no Observatório Ibira30. Com a escolha de um olhar interseccional, racial e coletivo, apresentamos a seguir o registro da atuação do Observatório Ibira30. Sendo integrante da equipe do Observatório, a autora deste trabalho pôde compreender a necessidade trazida pelo local, de fundamentar a metodologia que ali acontece. Com isso, surgiu a ideia da temática aqui proposta, de registrar, nomear, encontrar e apresentar caminhos que sustentam outros modos de conhecer, como o que acontece ali no Jardim Ibirapuera com o Bloco do Beco. A nomeação pode ser capaz de produzir importantes deslocamentos. Nomear o que realizamos e, principalmente, nomear o que sentimos. Com isso, a escuta e a escrita foram ferramentas poderosas para compreender a produção do Observatório Ibira30.

Através das entrevistas e da vivência como integrante da equipe, a análise foi pensada a partir do que foi amplificado ao ouvir e ressaltado aos olhos com a leitura sistemática da transcrição das entrevistas. Nesse sentido, com a contribuição das conversas com os coordenadores gerais do observatório, Allan Anjos e Marcelo Zarzuela, e com a analista de dados e pesquisadora Veridiana Santana¹⁰, foram criados quatro núcleos de sentido que organizam a análise. Por meio das ênfases, semelhanças e pequenas diferenças das suas falas, o fio de pensamento criado para a redação dos resultados foi através da **História**, da **Metodologia**, dos **Impactos da Filosofia Ibira30** e dos **Afetos** do Observatório Ibira30.

6.1.1 História: do sonho à construção de um saber

O surgimento do Observatório Ibira30 se deu através de uma demanda por rigor ao que observavam estar acontecendo no bairro Jardim Ibirapuera, na zona Sul de São Paulo. Foi a construção de um sonho, que buscava transformar as narrativas e o que era observado no cotidiano do Jardim Ibirapuera em algo concreto, que hoje são os **indicadores do território**. O Luiz Claudio de Souza e a Carla Araílda¹¹, fundadores do Bloco do Beco, são figuras centrais

¹⁰ Os nomes próprios dos participantes foram autorizados por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

¹¹ Os nomes que foram citados de modo indireto nas entrevistas são de pessoas que também autorizaram o uso através do TCLE. Consideramos importante a escrita desses nomes e sobrenomes aqui, pensando principalmente no propósito deste trabalho, que é o registro documental, de memória e história.

nesse sonho, que perceberam essa potência de criação de dados por volta de 2005 e que encontraram, ao longo do caminho, um outro sonhador, o Lelo, que soma na equipe para começarem a tirar o sonho do mundo das ideias, o que só aconteceu efetivamente após a Pandemia do Covid-19, em 2023. Allan contou que essa ideia inicial, de criar algum dispositivo capaz de expressar e constatar o que viviam em palavras e números, fazia parte de um outro macro projeto, que era o **Bairro Educador**. Esse projeto se baseou em uma série de ações para tornar o Jardim Ibirapuera o “bairro dos sonhos” até 2040, mas para isso foi necessário pensar em como isso seria medido, como iriam saber se estavam se afastando ou se aproximando desse sonho.

Como a gente consegue realmente mensurar onde a gente está comparado a outros bairros de São Paulo, onde a gente está em relação até a outras cidades, estados, países? Então, quando a gente olha para o Jardim Ibirapuera, que é quase **um mundo à parte**, dentro de 40 mil habitantes, quais são os nossos principais indicadores, como a gente consegue se enxergar do ponto de vista de números, de relatos, de histórias, dentro dessa dinâmica social que é, enfim, o nosso país. (Allan)

Em sua entrevista, Lelo enfatizou a impossibilidade da criação do Observatório, senão atrelado ao Bloco do Beco. Disse também que isso ainda é um fator de incômodo, pois muitos enxergam o observatório como algo separado do Bloco do Beco, enquanto é mais um de seus projetos. O Bloco do Beco, como explicado anteriormente, é uma Associação de Cultura, com foco no Carnaval de Rua, mas que “com o passar do tempo acabou sendo um centro quase de, enfim, geração de políticas públicas do bairro, posso dizer.” (Allan).

Há quem se pergunte o que é, afinal, o Bloco do Beco, mas parece que é apenas o efeito de tanta potência no local, que faz com que não pareça real. Mas é, e muito. E, também, ainda sobre a necessidade de se apresentar o Observatório Ibira30 como algo do Bloco do Beco e não apenas no Bloco do Beco, Lelo explica que:

Muitas pessoas acham que o observatório é alguma coisa que tem vida própria. Isso é uma coisa que me incomoda muito. Porque a ideia de um observatório só faz sentido ser ancorado numa atuação de muitos anos, com muita relevância, com muita consistência, porque a gente faz uma coisa muito invasiva, que é pergunta. (Lelo)

O que Lelo diz no trecho acima, está muito relacionado ao sentimento de familiaridade e reconhecimento, que Allan descreve como sendo uma das ferramentas metodológicas do observatório, aprofundada adiante.

O primeiro passo para a construção do observatório foi pensar em quais pessoas iriam somar no projeto - principalmente porque “quase ninguém financia ideia” (Allan), ou seja, passar pelo desafio de constituir uma equipe, com pouca ou nenhuma renda inicial. A equipe foi construída através de parcerias com universidades, em atividades extensionistas ou estágios universitários não remunerados. Essas universidades eram (e ainda são) USP, UFABC, FGV e PUC, que já tinham alguma relação com o território e participar da criação do observatório seria uma oportunidade de manter esse vínculo vivo e continuado. Também tiveram ajuda daqueles que, de início, toparam um trabalho não remunerado, apenas por fazer sentido. Os que escolheram ficar, foram desenhandando a atual equipe, composta por seis pesquisadores remunerados, embora também existam ainda pesquisadores simpatizantes de temas específicos ou que participam vinculados a outras instituições. Um desafio para compor a equipe, além do fator financeiro, é a rotatividade. Algumas pessoas participam apenas pontualmente de algumas pesquisas e a equipe formada por universitários também acentua esse desafio, com a incerteza da permanência após se formarem. Sobre a equipe, Veri traz um pensamento de continuidade do trabalho no território, ou seja, como fazer o observatório durar, independente da equipe, como torná-lo algo que o bairro possa tomar conta:

como que a gente traz a população, será que a gente convida eles para participar, acho que esse envolvimento de “vamos lá participar”, no sentido de fazer a pesquisa também, acho que é uma lógica que a gente pode pensar porque aí se sair algum de nós, o bairro em si já tomou conta do observatório é deles né. Eu acho que é isso. (Veri)

Quando perguntado sobre o contexto de surgimento do observatório, Lelo trouxe um pouco dessa perspectiva do envolvimento da comunidade. É muito interessante a visão que tiveram sobre a **adaptação dos agentes comunitários de saúde para a pesquisa**. Pensaram na possibilidade de levantar dados indo para dentro da casa dos moradores, junto com as agentes de saúde, para montar um banco de dados de cultura, que fazia parte de um programa que o Bloco do Beco desenvolveu pré-pandemia, chamado “Agente Comunitário de Cultura”. Com o olhar que a saúde tinha para o território, puderam aprender muito sobre o fazer pesquisa. Foi assim que nasceu a “ideia mãe”, como ele colocou: “Então, acho que essa origem de olhar para o programa de saúde da família e depois desenhar uma iniciativa no âmbito da cultura inspirada

no modelo da saúde é a ideia mãe da coisa toda" (Lelo). Ou seja, as agentes comunitárias de saúde puderam explicitar a influência que um dado tem nas políticas públicas e a importância de conhecer o território, para garantir a produção desse **dado situado**.

Hoje, os pesquisadores de campo do Observatório Ibirapuera ganharam o nome de *agentes pesquisadores*, inspirado nessa trajetória anterior. Duas trabalhadoras do Bloco do Beco, Jenyffer do Nascimento e Anabela Gonçalves, são citadas nas entrevistas como pessoas que sempre tiveram esse olhar diferenciado da pesquisa, para além da produção universitária:

Sempre tiveram uma preocupação de que tipo de conhecimento é possível se produzir aqui a partir das pessoas daqui. E isso também contamina a ideia do observatório de ponta a ponta. Porque aí, dando um passinho para frente, pensando depois que o bloco trabalhou do lado das agentes comunitárias de saúde, recolhendo dados, montou um banco de dados de mais de mil entrevistas com moradoras e tal, parou e falou assim, o que a gente faz com os dados? E o Bloco não sabia o que fazer com os dados. (Lelo)

Essa inquietação de não saber o que fazer com os dados levantados, também serviu de motor para o surgimento do observatório. Em menos de dois anos, a história e os resultados do Observatório parecem de décadas. Considerando seu tempo de existência, ainda enfrentam muitos desafios de um projeto em construção. Um dos desafios mais citados nas três entrevistas, além do financiamento/fluxo de renda imprevisível, é a respeito da comunicação. É interessante como percebem que existe uma preocupação voltada para a divulgação das pesquisas e dos resultados no bairro, mas sabem que isso ainda não significa ter uma estratégia. A aposta para a devolutiva nas organizações ainda se dá muito pela presença física, com apresentações com slides, por exemplo - o que funciona bem, visto que ao serem perguntados sobre impactos, citam sobre uma pesquisa que foi devolvida dessa forma para uma organização.

O desafio aparece na devolutiva para os moradores, que ainda acontece da mesma forma que a pesquisa é aplicada, ou seja, no um a um. Ou seja, não é uma estratégia eficiente considerando o tamanho amostral que o observatório é capaz de alcançar. Os relatórios também não parecem ser acessíveis para os moradores, em formatos que fogem, mas ainda são similares aos acadêmicos, se pensarmos na redação e na densidade dos materiais. Falar de pesquisa na periferia também é um desafio que faz parte da constituição do observatório: "Morador de periferia acha que conhecimento produzido a partir de uma suposta prática científica não pode

ser produzido ali dentro” (Lelo). A seguir vamos falar sobre como fazem isso ser possível, a partir da metodologia do Observatório Ibira30.

6.1.2 Metodologia Ibira30

Foi da necessidade de formalizar a metodologia Ibira30 que a ideia do presente trabalho surgiu, em diálogo com o local, que apresentou essa demanda - por isso, consideramos essa parte da escrita o coração desse material. A narrativa criada até aqui está relacionada com isso: como explicar e defender um método situado. A história da constituição do observatório, apresentada anteriormente, nos dá indícios do desafio para construir uma metodologia capaz de apresentar indicadores que apresentem números, relatos e histórias, e, que sejam capazes de refletir a realidade territorial. Estamos falando de uma **nova relação com a produção de conhecimento**, de uma **etnografia do Jardim Ibirapuera** e de **construções coletivas**, que contam com o protagonismo do Bloco do Beco e dos moradores do bairro.

6.1.2.1 *Uma nova relação com a produção de conhecimento*

A ideia Ibira30 não é subverter o modo de fazer pesquisa, mas pensar em como criar diálogos que possam conversar cada vez mais no mesmo idioma e em como inverter a lógica, para apresentar a periferia como pesquisadora e não apenas como pesquisada. Como Allan nomeou, o observatório é uma “**ponte** entre a universidade e a periferia”, sendo responsável por facilitar essa aproximação institucional, mas enredada em uma trama que faz sentido para o território. Ou seja, tentando garantir a permanência e o compromisso de quem vem de fora do território, sem dar margem para pesquisas descontinuadas, com ações pontuais, que pisam nas ruas do Jardim Ibirapuera uma única vez e que reforçam o “incômodo de nunca ver resultado das coisas que saíam dessas pesquisas” (Lelo) . Sobre essa presença externa, Veri e Allan alertam:

Se você chegar de fora, com o processo de fora, tudo de fora, pessoas de fora, e montar um observatório, você pode abrir um prédio de 10 andares. Não vai funcionar tão bem igual você pegar aquela igrejinha ali que funciona há 10 anos. (Allan)

Então, a pessoa ela nem consegue dialogar, ela não consegue nem conversar, mas ela está ali pesquisando. Então, parece um ser que não faz parte. A gente sabe que ele não faz parte, embora ele tenta muito ser. Mas aí já tem outro tipo de pesquisadores que participam das atividades, depois introduzem. Eu acho que é o jeito que a pessoa se coloca. Mas sempre existe um obstáculo invisível de “puts”, eu não sou parte. (Veri)

Por outro lado, quando são as pessoas do Observatório Ibira30, do Bloco do Beco, aplicam ou realizam a pesquisa, a relação se coloca de outra forma: “É uma relação meio de **confiança**” (Veri), que fala a mesma língua e que faz com que consigam a amostra que contempla as mais de 40 mil pessoas do Jardim Ibirapuera nas pesquisas. Para conquistar a confiança, é **necessário permanecer** - uma postura que, frequentemente, o tempo acadêmico não permite.

Vale dizer que na equipe atual do observatório, nem todas as pessoas são do território, inclusive de territórios periféricos. Assim como a relação com a universidade é bem-vinda, defendem a presença dessas pessoas pensando ser “muito importante ter olhares externos aqui, porque tiram também vícios e etc., bairrismos e etc.” (Lelo). Mais importante que isso, saber que é uma equipe implicada e que está “habituada com o espaço e com o bairro” (Allan) e, como defende Allan, “já passou pelo teste de conhecer um boteco do bairro para tomar uma cerveja - um passo essencial para a presença territorial”. Ou seja, os rostos podem ser de fora, se não forem desconhecidos.

Para essa relação que o observatório está disposto, surge o desafio de como, de fato, conseguir realizar o diálogo com grandes instituições como as universidades, as empresas privadas e o poder público, mas ainda **manter o pé firme no território**. Não fantasiam com a ideia de que são os pioneiros a criar essa relação de diálogo entre periferia e universidade, muito pelo contrário, mas tem a consciência de que são “uma pecinha legal nessa engrenagem de mudar a relação” (Lelo). Inclusive, parece ser daí que surge o desafio da comunicação, já que para conseguir os investimentos estruturais, como Lelo pontua no trecho citado anteriormente, os relatórios densos são ainda necessários. Vale explicar, que mesmo densos, a diferença de relatórios tradicionais para os que o Ibira30 produz é clara, com pensamentos, escritas e afetos outros: “Então, as nossas leituras são permeadas por afeto. Acho que isso é muito importante. E são zero objetivas. Em qual sentido? Elas têm um lado, um partido, a gente está falando da gente mesmo e é isso que a gente quer fazer.” (Lelo). Além de serem narrativas criadas com muita cor e criatividade.

Uma técnica importante para a redação desses materiais está em como o dado é apresentado. Pode-se dizer que um passo metodológico para a escrita dos relatórios consiste em revisar essa apresentação dos dados e, caso um dado esteja sendo interpretado sem a sua respectiva interpretação ao lado ou na mesma página, é necessário ajustá-lo. Lelo explica, com

firmeza, que levantar dados é o básico de um observatório de pesquisa, o que é crucial está na interpretação e na devolução dos dados interpretados, a partir da realidade periférica: “Mas não dá para não ter uma leitura de qualquer dado que a gente apresente. Qualquer dado. E a minha neurose é nisso. É na mesma página. Sabe?” (Lelo). Uma neurose justificada em realidades anteriores, de usos e manejos estranhos dos dados, que mais assujeitam e vulnerabilizam a periferia, além das promessas de devolutivas inexistentes e posturas assistencialistas disfarçadas de boas práticas.

Essa nova relação com a produção de conhecimento se dá pelas ferramentas que foram sendo encontradas para viabilizar a pesquisa imersa no território. Tratar do cotidiano e reciclar a conversa “jogada fora”, transformá-la em pesquisa. Allan, na sua entrevista, pontua que Conceição Evaristo é uma boa pista do que a ruptura da manutenção de uma lógica de saber pode ser capaz, dando outros olhares para a potência das construções coletivas, sem necessariamente precisar de um respaldo submetido ao saber acadêmico, mas ao contrário disso, construir junto e poder ditar onde mora o sentido. Ao invés de “soltar o dado na mão das pessoas” (Lelo) e esperar elas dizerem o que a periferia é, poder pensar para onde ela de fato quer ir - “Tem um monte de gente dizendo para onde a gente tem que ir e como a gente tem que ir. E tem gente, inclusive, fazendo pergunta aqui para dizer isso.”(Lelo). Então, por que não fazer por si só? Isso é “possibilitar uma escrita mais humana, mais contextualizada para onde o nosso pé está pisando de fato.”(Allan), é falar **no** território e não **do** território, como Allan também diz. E foi através dessa construção de saber, desse olhar para os hábitos do território, que uma etnografia do Jardim Ibirapuera começou a ser esboçada.

6.1.2.2 Uma etnografia do Jardim Ibirapuera

A prática do Observatório Ibira30 é movida pela paixão pelos microdados. Para chegar aos indicadores do Jardim Ibirapuera, fica clara a preciosidade que é ter “o maior dado, no menor território”, conforme Lelo trouxe:

O que me brilha o olho é o microdado, que é o dado que ninguém tem. E aí, eu acho que tem um lance importante de se falar, que é o que ninguém tem, para mim, não é pelo pioneirismo, mas é pela possibilidade de inovação. E o que a inovação permite a gente aprender como território periférico e num segundo momento o como a inovação ajuda a gente a atrair mais recursos para o nosso território e aí eu não estou falando de captar recursos para o observatório, eu estou falando de investimento para questões estruturais. (Lelo)

Em outro momento da entrevista, Lelo volta a ressaltar que “a gente está com o maior dado, na menor realidade” (Lelo) e é isso que permite a **delicadeza de olhar para os hábitos locais**. Além disso, é o microdado que permite a **microdecisão**, tendo o protagonismo periférico como consequência. Lelo pontua três pilares responsáveis pela construção da etnografia do Jardim Ibirapuera: o olhar para os hábitos dos moradores, a escuta qualificada e a leitura das informações coletadas. Isso é, compreender os detalhes cotidianos, realizar conversas que geram ações e pensar em próximos passos, como a cobrança de políticas públicas pensadas a partir da periferia. Como ele enfatiza, ter o dado em mãos significa ter uma ferramenta bastante poderosa, que funciona como motor para a cobrança de ações e financiamentos:

[...] a gente olha para a questão dos hábitos, que eu acho isso uma delicadeza. Para mim, isso nem parece pesquisa, parece mais poesia. Porque você fala assim, putz, o que me interessa é como a Dona Maria vai no mercado e o que ela compra. Isso tem uma relevância na vida comunitária monstruosa. Isso, pra mim, é de uma beleza que, é isso, pra mim parece poesia a forma como a gente olha pra essas coisas, sabe? E por isso que tudo isso meio amarrado faz sentido, sabe? Porque a gente vai entendendo essas pequenas delicadezas, vai transformando isso numa coisa muito grande, numa coisa que dá muita importância para os moradores, sabe? Numa coisa muito potente, assim. E aí as pessoas, de fato, vão entendendo que o Jardim Ibirapuera talvez seja um lugar diferente. (Lelo)

A **familiaridade**, peça chave para explicar a metodologia Ibira30, é também essencial para explicar a etnografia realizada ali. Apenas moradores do Jardim Ibirapuera entram na amostra quantitativa. O território possui em média 42 mil habitantes e as pesquisas realizadas pelo observatório garantem 95% de confiabilidade, ou seja, uma amostra considerável de aproximadamente 390 pessoas por pesquisa, que permite apenas 5% de margem de erro. Realizar perguntas é algo bastante íntimo e a familiaridade é essencial para chegar ao número necessário, além de aumentar a chance de respostas mais confiáveis, que seguramente retornam para o próprio território em forma de ações. Outro fator importante para essa coleta é o uso da **tecnologia**.

O principal instrumento utilizado para as escutas qualificadas são formulários aplicados pelos agentes de pesquisa pelas ruas do bairro. A tecnologia é um fator importante para o rigor metodológico do Ibira30, que diminui o risco de erros humanos tanto na coleta, quanto na construção das bases de dados. A defesa do termo etnografia para o trabalho realizado, para além das ferramentas ou modos da coleta e percepção dos dados, se dá nesse olhar para a brecha

do cotidiano do *cidadão ibirapuerense*, que aparece nos resultados das pesquisas e que só é possível com a vivência territorial.

6.1.2.3 Construção coletiva de saberes

Como apareceu anteriormente, a produção Ibira30 de conhecimento não é um ato neutro, pelo contrário, é permeada por muito afeto e de modo posicionado ética e politicamente. É um compromisso ético com as vozes do território, uma escuta ativa que surge desde a decisão temática de cada pesquisa. Das pesquisas realizadas desde a inauguração em outubro de 2023, apresentaram-se as seguintes temáticas: Economia e Carnaval de Rua em M'Boi Mirim - Zona Sul, SP; Hábitos Culturais de Moradores do Jardim Ibirapuera, Profissionais de Educação do Jardim Ibirapuera: uma escuta qualificada; Percepções de Impacto Social: Escadão Galeria; Percepções de Impacto das práticas de Maracatu no Jardim Ibirapuera; Ondas de Calor, Chuvas e Resíduos Sólidos (Formação Clima e Cidade em parceria com a FGV)¹². Sobre as pesquisas em andamento, têm: Soberania Alimentar: Hábitos Alimentares de Moradores do Jardim Ibirapuera; Trabalho: Escuta qualificada de profissionais de saúde, assistência e educação; Economia criativa: Impactos Econômicos de Festas Populares do Jardim Ibirapuera; Hábitos de Leitura de Moradores do Jardim Ibirapuera; Roda de Samba: percepções de impacto socioculturais e econômicos para a formação de comunidade; Orçamento da Cultura e Investimento Social Privado na Periferia: um olhar estratégico para a Lei Rouanet.

Em geral, temas sobre hábitos, cultura, educação, economia e trabalho. Esses e os futuros temas não surgiram de demandas acadêmicas, de instituições financiadoras ou até mesmo do próprio Observatório Ibira30. Pesquisadores do observatório não são responsáveis por decidir o tema da pesquisa, engajam-se em temas que são importantes coletivamente, ou seja, a decisão dos temas é uma responsabilidade comunitária, sendo eles decididos a partir de **demandas territoriais**: “todos os nossos temas de pesquisa [são] ancorados em escutas que a gente faz, que saem da comunidade” (Lelo). Rompe-se, assim, com uma lógica de pesquisa vertical, na qual os pesquisadores são responsáveis por todos os passos e gera-se um ciclo autônomo e comunitário.

¹² Acesso disponível aos materiais pelos Qr Code disponibilizados nos Anexos deste trabalho.

Os moradores são engajados no processo desde a decisão temática até a aplicação dos instrumentais para a coleta dos dados. São pesquisas enraizadas no território, que servem como um exemplo prático do que é conhecer de modo situado:

[...] qual que foi a estratégia que a gente utilizou? Usar agentes especificamente influentes no bairro, que tinham essa relação com a comunidade, para estarem coletando pesquisa e utilizando essas ferramentas, né? Até como um hábito. [...] Então, utilizamos [...] diversas pessoas que faziam já um trabalho anterior comunitário, que eram oficineiros, que eram articuladores do território, para aplicar pesquisa. As nossas primeiras pesquisas saíram dessa forma, né? E foi a melhor coisa que poderia ter sido feita. (Allan)

Moradores passam de objeto de escuta à *agentes pesquisadores* e produtores de conhecimento e com isso o discurso se transforma: “olha o que a gente produz”, ao invés do que “o que está sendo produzido sobre nós” (um exemplo real, contado por Lelo). É uma aposta em um processo contínuo que traz reconhecimento e protagonismo, que mexe nas representações sociais da periferia, situando-a no campo da potência e não apenas no da falta - a realização de um deslocamento simbólico.

Cabe retomar e ressaltar a ideia de que essa construção coletiva também considera a ponte e o diálogo com a universidade, que não se trata de uma subversão no sentido de excluir, destruir ou isolar, mas de um diálogo constante. A construção de uma rede de parcerias estratégicas alcança ONGs, empresas e governos locais, além das universidades. Para além de uma ponte com a universidade, o observatório constrói antes uma ponte com o saber periférico. É necessário pontuar a construção dessa outra e primeira ponte, visto que um dos maiores desafios é **falar sobre a pesquisa para periferia** e mostrar ser um movimento possível. Por isso, antes o reconhecimento dessa possibilidade de conhecimento sem a necessidade de se adequar aos formatos acadêmicos engessados, para então transformar a lógica, sem subvertê-la. Isso porque o diálogo com a universidade também é fundamental, mas em uma posição diferente, na de sujeito, também como pesquisadores, movimento possibilitado pelo trabalho do observatório e por esse deslocamento simbólico. E uma peça essencial desse processo de reconhecimento é também uma equipe que permanece no espaço, ao invés de coletar e ir embora.

O **afeto** citado também é uma ferramenta essencial para a metodologia Ibira30. Não apenas o afeto como sentimento que sustenta as relações da equipe, do território e o sentimento de familiaridade, mas no sentido de realizar uma pesquisa que se deixa afetar e guiar pelo que

ressalta aos olhos. O afeto se torna um pilar da ética Ibira30 e a presença dele nos retorna às ideias das epistemologias feministas, sendo a metodologia do observatório também um exemplo de um fazer que rompe com a neutralidade epistêmica. O debate teórico posto anteriormente já provou que as epistemologias feministas não se trata de um pensamento exclusivo ao gênero, mas de um pensamento que possibilita romper com saberes brancos e masculinos considerados por muito tempo como os únicos possíveis e dar espaço para os saberes situados. Além de ser o exemplo de um modo de saber que se inclui na epistemologia feminista, a herança de pesquisa do Bloco do Beco é também muito feminina e feminista:

E a grande verdade é que o observatório pega uma herança muito feminina de pesquisa e muito feminista. Porque as pessoas que implantaram o programa de saúde da família no território, mulheres, as primeiras pesquisadoras que se perderam nos dados ou que acertaram com os dados... mulheres, né? (Lelo)

Essa presença das mulheres e reconhecimento delas no pioneirismo do Observatório Ibira30 se apresenta como uma das camadas do que chamamos de filosofia do Observatório Ibira30, apresentada a seguir.

6.1.3 Impactos desta filosofia

A ideia de pensar em uma filosofia do Bloco do Beco surgiu da entrevista com Veridiana, que a trouxe através da ideia de uma “filosofia do observatório”. Falar sobre a filosofia de um local nos instiga a pensar os valores, as crenças e a visão que formam a identidade e guiam a atuação da instituição. Diferentes trechos extraídos das três entrevistas revelam a **filosofia crítica** do Bloco do Beco, na missão de uma produção de conhecimento territorializada. É a filosofia do Bloco do Beco e, consequentemente, do observatório Ibira30, que torna o trabalho realizado ali uma práxis. É diferente falarmos em prática e em práxis, ao passo que o segundo conceito demanda, para além da ação, uma ação reflexiva, transformadora, crítica e aprofundada. É isso que o Observatório Ibira30 mostrou com sua prática, que mistura dados com afeto, utiliza o microdado para a microdecisão e propicia o reconhecimento comunitário.

O que é produzido no observatório, apesar dos desafios com a comunicação, colocados anteriormente, não têm impactos abstratos, pelo contrário. Citam, inclusive, um reconhecimento por parte da prefeitura, através de transformações advindas de reflexões e sugestões trazidas de um dos materiais produzidos. O impacto é concreto, tanto o local, no território do Jardim Ibirapuera, quanto em relação às políticas públicas. Além dos impactos

materiais e concretos, que aparecem mais nitidamente através de uma ação pontual ou de um financiamento, por exemplo, também existem os indiretos. Aqueles que é quase impossível provar a relação com o trabalho do observatório, mas que se desconfia fortemente que são mudanças relacionadas à semente Ibira30, como o **reconhecimento** do próprio território, por exemplo: “a gente é um reflexo de muitas coisas e a gente ajuda as pessoas a se enxergarem e a se enxergarem bonitas, a se enxergarem do jeito que elas são, sabe? Enquanto comunidade, obviamente” (Lelo). É um impacto que extrapola o direito à cidade e que fala sobre o **direito à comunidade**:

[...] o quanto isso que a gente faz desperta um debate que eu acho que é o debate mais importante em termos da gente pensar a cidade hoje em dia, que é o direito à comunidade e não o direito à cidade e quando a gente fala de direito à comunidade a gente está falando do que? A gente não está falando de acesso a brutalidades do poder público. Não estou falando de um equipamento de saúde, não é disso que eu estou falando, mas eu estou falando da **possibilidade da gente construir a necessidade de um equipamento público a partir de outras relações** [...] É esse lance que conecta as pessoas de maneira afetiva e não de maneira política no estrito senso. E a pesquisa como ferramenta de reconhecimento permite a gente se enxergar dessa maneira e entender que a gente briga por esse direito. Não pelo direito à cidade. Eu não quero que *ah*, chegou asfalto, chegou ônibus, a gente está com isso resolvido. Não estamos. É o primeiro ponto. A partir disso, temos um debate a fazer. E que, para mim, está materializado no direito à comunidade. (Lelo)

É a possibilidade de se construir dispositivos públicos a partir de demandas reais, das vozes do território e do detalhe que mora no cotidiano. A ideia do trecho acima reforça um outro valor do observatório, que é enxergar o levantamento de dados não como a principal tarefa a ser realizada, mas como uma ferramenta poderosa, para então ser interpretado e gerar um impacto prático e continuado. Um dado que não se encerra em uma publicação. O olhar para a delicadeza do cotidiano, a missão de uma multiplicação desse fazer, com o sonho futuro de uma rede de observatórios e o protagonismo não só da periferia, mas da juventude, da negritude e de mulheres são características importantes do que estamos nomeando como filosofia Ibira30.

Ainda sobre os impactos do observatório, cabe pontuar a mediação entre a comunidade e o poder público/privado e a potência que tem a interpretação dos dados coletados para esse diálogo. É uma filosofia que aposta nos próximos passos, nas sementes que planta, no processo contínuo do trabalho com as vozes que emergem do território e que não escolhe entre a prática e a poética, mostra que é possível combiná-las e misturá-las com primor e rigor, ainda que “talvez a gente nem saiba...o quão poderoso é o que a gente faz” (Veri). Nesse sentido, o

observatório é um **articulador entre afeto, política e técnica**, com uma prática situada e orientada pela ética do coletivo. Falamos bastante sobre essa aposta em impactos futuros, que evita simplificações, mas existem os impactos concretos e mensuráveis a curto prazo, como Allan conta de uma devolutiva de uma professora que participou de uma das pesquisas:

Ela participou da pesquisa de profissionais de educação no ano passado e a gente fez um painel para essa pesquisa. Fizemos um painelzinho e entregamos depois para as escolas, que as escolas tiveram acesso, enfim. Ela mandou mensagem depois, essa professora, tipo, meu, utilizamos o painel no planejamento e foi um dos melhores planejamentos que a gente já fez. E foi bizarro, porque é isso, assim. Ela falou, meu, a gente não conseguiria, talvez do ponto de vista técnico, ter tempo para construir uma coisa parecida, né? E entender quem somos, quais eram os perfis dos professores, quais são as possibilidades de construção junto com aquele pessoal, possibilitou uma série de outras, enfim, construções que a gente não conseguiria.

O dado interpretado e devolvido para o território se torna motor para transformações e reorganizações de ordens prática e simbólica.

Existem planos, em um futuro a médio ou longo prazo, de realizar a expansão desse fazer e poder inspirar e motivar outros territórios, de modo a realizar uma escalabilidade inteligente, com a expansão em rede. Multiplicar essa filosofia, com uma rede de observatórios que possam valorizar o microdado e o saber situado, através da “delicadeza do hábito” (Lelo). Ou seja, longe de escalar de forma massificada, mas prezando o rigor e a qualidade, podendo “**ser espelho** para outros observatórios” (Veri). Essa rede seria um impacto futuro, mas ainda sobre isso, cabe ressaltar que o Bloco do Beco e o observatório alteram a forma de atuação no território, não mais como uma ação pontual, comum às associações, mas como uma ação contínua de estudos, que possibilita uma ação prática mais efetiva (Veri).

Tendo como premissas memória, território, raça e gênero, faz também parte da filosofia Ibira30 a diversidade e o **fortalecimento de identidades locais**:

E tem um ponto que eu esqueci, que é essencial, que ele está ligado ao protagonismo juvenil, protagonismo periférico, protagonismo negro, protagonismo de mulheres, que é super importante, essas trocas com a juventude, essas trocas com quem constrói o observatório, é um ponto diferencial ao extremo. (Allan)

Para o observatório, a **diversidade** não aparece como um elemento de aparência, mas como uma prática estruturante, tanto das relações internas, quanto dos impactos externos. Aqui, cabe apresentar uma abordagem inovadora da pesquisa Ibira30, em comparação a outras instituições, que é a realização de uma ampla análise de perfil da amostra de cada pesquisa realizada, sempre considerando gênero, raça/cor e orientação sexual. Além desse pensamento presente nas pesquisas, também é e foi um cuidado para a composição da equipe, como conta Veri: “quando o Allan e o Lelo me chamaram, teve esse cuidado de pensar o observatório na questão de igualdade de mulheres, homens, negros, brancos, gays e tudo [...] uma preocupação genuína.” (Veri). Um cuidado genuíno com a diversidade e a representatividade, que dialoga com o esforço de trabalhar com a realidade social e que impacta profundamente o fazer Ibira30 e os afetos que são criados e permitidos ali.

6.1.4 O que reverbera - os afetos permitidos pelo Observatório Ibira30

O afeto não poderia deixar de ganhar um certo protagonismo neste trabalho, pois, de certo modo, estamos defendendo que a pesquisa com afeto é relevante - a pesquisa ação, pesquisa situada e pesquisa feminista são conceitos que se cruzam, que se misturam, que dialogam e que têm em comum também o afeto. Poderíamos, nesses conceitos, acrescentar a pesquisa Ibira30, certamente atravessada por muitos afetos. Para além do que foi compartilhado até então, do afeto como uma ferramenta de pesquisa, como parte da metodologia Ibira30, trazido nas entrevistas principalmente pelo sentimento de familiaridade, gostaríamos de trazer, nessa parte final do trabalho, os afetos pessoais da equipe e as possíveis transformações subjetivas possibilitadas pelo trabalho que vem sendo realizado.

Nesse sentido, através do observatório, **a pesquisa se torna uma mediadora para o reconhecimento, um instrumento para as transformações subjetivas e a razão de deslocamentos simbólicos e da possibilidade de desejos coletivos, que dão sentido ao trabalho.** Para trabalhar no observatório e permanecer ali, é essencial acreditar na potência do trabalho que é realizado. Por isso que o impacto do Observatório Ibira30 está no território, mas está também nas pessoas, pela forma que compreendem o sentido da própria atuação, tanto no território quanto fora dele.

O envolvimento com o cotidiano e o pertencimento à cena tornam o processo mais prazeroso. Além disso, a **autonomia** e a possibilidade de criar e desenvolver um material que extrapola as regras da academia e que seja, de fato, significativo para a comunidade, são também responsáveis por esse impacto pessoal. Isso é, poder responder a uma demanda real,

ver finalidade para o que se produz e a compreensão de que presenciar o impacto disso altera o cenário tradicional de pesquisa, cria e mobiliza sentidos e esperança.

[...] nessa pesquisa que eu estava fazendo no observatório, que foi a primeira, que era de profissionais de educação, uma coisa muito importante para elas, para a comunidade, para as escolas, para as organizações, parceiras, enfim, senti um peso muito grande nisso. Mas por mais que tinha uma pressão, uma responsabilidade muito bizarra em torno desse processo, era muito mais gostoso escrever essa pesquisa do que escrever o meu TCC. Por mais que eu gostasse mais do tema do meu TCC. (Allan)

Então acho que a primeira e mais importante coisa que eu diria em mim é essa virada de chave do microdado da microdecisão e de como boa parte da minha vida eu fiz pesquisa a serviço de alguém que eu não sei nem quem era e que que talvez tenha orientado decisões muito ruins para as pessoas que foram investigadas. (Lelo)

No trecho citado acima, da entrevista com Lelo, fica clara a mudança na forma com que a pesquisa é enxergada e o impacto pessoal disso - uma pesquisa que não serve às demandas externas. O afeto e o envolvimento pessoal com as pessoas e com o campo, presente nas pesquisas do observatório, não exclui o rigor e se apresenta como uma outra via para acessar os hábitos e a realidade local. Com isso, o dado também se transforma, como apresentamos na metodologia, é um dado que não serve como métrica, mas como um instrumento de mudança territorial e de reconhecimento: “a gente se conhece no território. O que a gente não sabe fazer é se reconhecer” (Lelo). A pesquisa, então, se torna uma ferramenta para esse reconhecimento, uma **ferramenta de cuidado com o coletivo e o comunitário**, em busca de ir “fortalecendo esse senso de identidade, essa percepção que os moradores têm de si mesmos” (Lelo). E esse motor para a construção de uma identidade local cria um poder de rede, que impacta a “forma como as outras organizações e serviços do território passam a olhar para o Jardim Ibirapuera” (Lelo).

A possibilidade de multiplicar a filosofia Ibira30 também aparece de forma afetuosa nas conversas, no campo do sonho e como um desejo futuro que lembra “onde a gente pode chegar em coletivo” (Veri). Veri também afirma sobre a importância de nunca se esquecer de onde veio. É o **sonho de multiplicar um fazer situado**, que conta e reconhece a própria história, consigo, com a comunidade e com o território. O afeto se torna um passo metodológico essencial para abrir e enxergar as brechas, que permite a transformação de como a periferia passa a ser sujeito e apresentada, na “delicadeza do hábito” (Lelo), que evidencia tantas outras possibilidades historicamente ignoradas e que cria novos horizontes.

Por fim, peço licença para também escrever, em primeira pessoa, as reverberações do Observatório Ibira30 em mim. Foi necessária uma certa decantação, para que eu compreendesse a escolha por esse tema e, principalmente, a como relacioná-lo com a Psicologia. Digamos que, depois de muita crise, contradição e análise, o tema se acomodou e, aos poucos, sentia como se fosse um grande quebra-cabeça se encaixando e que não poderia ser diferente o trabalho escolhido para concluir o curso. Aqui falamos sobre a riqueza do aprendizado com o pé na rua e creio que, após cinco anos de deslocamento pela cidade, tão importante para uma formação ampla e não circunscrita nas ladeiras de Perdizes, algo em mim foi tomando forma. Cito nesse trabalho sobre uma outra experiência, além da trajetória com o Bloco do Beco, que foi a minha Iniciação Científica, com a Frente de Luta por Moradia. Os sentimentos que essas duas vivências institucionais suscitam em mim não poderiam estar presentes apenas nos agradecimentos do presente trabalho, fazia sentido trazer para o corpo dele, pois estamos falando sobre ética e implicação, termos que não podiam ficar de fora.

Na última supervisão oficial do presente trabalho, me emocionei e compreendi a emoção como um sinal para a escrita destas linhas. E, como uma professora especial sempre me diz - há algo de poderoso na intuição, que não pode ser ignorado. Nesse quebra-cabeça que foi construir esse texto, a cada semana que o tema era recortado, que a escrita ia e voltava, uma “peça” era encaixada no texto e em mim. O desenho formado me parece cada vez mais sobre o trajeto realizado nesses cinco anos, que a Psicologia sempre esteve presente, mesmo que para mim ainda não pudesse ser óbvio, que ainda precisasse de movimentos, crises e insistências para encontrar o seu lugar - o meu lugar. O lugar que quero ocupar nessa profissão se deu com passos e “peças” de uma ética aprendida nessas instituições, que apenas a teoria da sala de aula não comporta. Aprender que fazer perguntas para os moradores do Jardim Ibirapuera é algo muito íntimo, (re)aprender a como entrar na casa alheia e entender o quanto isso mudou a minha escuta, enquanto futura psicóloga.

O reconhecimento da branquitude faz necessariamente parte dessa postura implicada, principalmente em um território que é majoritariamente preto e pardo. Ser uma mulher branca, da zona oeste de São Paulo, graduanda de uma universidade privada e com uma extensa lista de privilégios sociais se configurou muitas vezes como uma contradição pessoal, ao escolher trabalhar em um território periférico. Contradição inscrita no medo de colonizar, de cair em posturas assistencialistas e no constante movimento de revisitar as minhas posturas éticas e políticas. Sobre isso, escutei uma vez um conselho que levo para o resto da vida - a importância de, com essa trajetória, fazer algo bom com os privilégios e não me dar o direito à pressa. Digamos que o famoso ditado de que a pressa é inimiga da perfeição, também serve para a

pesquisa e para a Psicologia. É assim que penso que as escutas territoriais moldaram a minha escuta como futura psicóloga - o que seria da psicologia sem a ética, a escuta atenta, a atenção ao tempo alheio e o afeto. Assim, como a construção de conhecimento, se a Psicologia for neutra, ela assujeita. Se o sofrimento não for político, ele é individualizante. Por isso, a Psicologia é também sobre o território, o acesso à alimentação, às políticas públicas, aos serviços de saúde e à moradia. A Psicologia não é neutra, ela é política, social e também é situada.

7 CONCLUSÃO - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca de melhorar a vida da comunidade do Jardim Ibirapuera, através da pesquisa local em prol da redução das desigualdades, surgiu, no Bloco do Beco, o Observatório Ibira30. A experiência desse observatório de pesquisa foi apresentada e compreendida aqui como um exemplo de local que reformula o modo de fazer pesquisa e que se relaciona de outra forma com os saberes considerados tradicionais. Através de uma pesquisa qualitativa e desenvolvida no campo da Psicologia, foram realizadas três entrevistas que possibilitaram conhecer, apresentar e relatar a vivência de pessoas que idealizaram e que atuam nesse projeto. Com isso, além de dar visibilidade para o funcionamento desse dispositivo criado no Jardim Ibirapuera, na Zona Sul de São Paulo, o exposto aqui se apresenta como um registro da memória e potência dessa instituição.

Com o mergulho em bibliografias que se propuseram a pensar outras rotas para a produção de conhecimento, a discussão se atentou primeiramente em repensar a relação entre objeto e sujeito de pesquisa. Para isso, apresentamos as ideias presentes no pensamento decolonial, na epistemologia feminista, no conhecimento situado, na teoria construcionista e nos conceitos de *objetividade forte* e *pesquisa-ação* - teorias, pensamentos, reflexões e saberes que buscam o questionamento sobre as narrativas produtoras de esquecimento, a desmistificação científica e ampliar o debate sobre o que significa conhecer e pesquisar a partir da periferia.

A escrita teve como motor escutas, sentimentos e curiosidades que foram afetadas e implicadas ético e politicamente. Nesse processo, o Observatório Ibira30 se mostra como uma semente de esperança, de uma ação real e concreta que realiza a pesquisa situada e comprometida com o território que atua. O fato de ser um observatório de pesquisa atrelado a uma associação de cultura, o Bloco do Beco, se coloca como central para essa atuação territorial e que permite deslocamentos simbólicos das representações sociais da periferia.

Ao etnografar a vida do Jardim Ibirapuera e com o objetivo de influenciar de forma mais efetiva a formulação de políticas públicas e o investimento social privado, o Observatório Ibira30 é um observatório de pesquisa periférico, que se descreve como um laboratório de inovação social e uma organização comunitária. A organização é um dispositivo de tecnologia social, que enxerga a pesquisa como ferramenta para a redução de desigualdades locais. Com os pilares de uma educação de qualidade, saúde e bem-estar, fome zero, agricultura e

comunidades sustentáveis, os temas das pesquisas realizadas ou que estão em andamento transitam entre hábitos, cultura, educação, economia e trabalho. Mostram, com essas pesquisas, que não há dado sem ser interpretado, o afeto como motor para uma escrita colaborativa, que o macrodado no microterritório se apresenta como semente adubada para a microdecisão e uma prática regida pelo direito à comunidade, não apenas pelo direito à cidade.

Por meio das ênfases, semelhanças e pequenas diferenças das falas de Allan Anjos, Marcelo Zarzuela e Veridiana Santana, os resultados foram organizados em quatro núcleos de sentido: História, Metodologia, Impactos da filosofia e Afetos do Observatório Ibira30. Com uma história profundamente enredada ao Bloco do Beco, que demonstra a importância de um vínculo estabelecido e continuado com o chão sobre o qual se escreve. Uma metodologia que se mostra como pesquisa ação, que é exemplo de um fazer situado e que, com agentes pesquisadores, ecoa as vozes, os saberes e os fazeres do território do Jardim Ibirapuera. Impactos concretos e indiretos, que repensam rotas e políticas públicas, planejamento de escola e cor do bairro, além do reconhecimento - como a comunidade se vê e é vista, espelho construído com afeto, elemento fundamental para as pesquisas produzidas. O afeto extrapola as páginas dos materiais e aparece na constituição da equipe do observatório e entre os moradores, que se transformam subjetivamente.

Desse modo, o conhecimento situado se apresenta como um caminho em busca da desmistificação científica e como uma ampliação necessária do campo, ainda dicotomizado. Colocar em pauta outras perguntas e outros protagonistas. Um modo de fazer que repensa a relação entre sujeito e objeto de pesquisa, colocando o pesquisado também como pesquisador em cena. Não é sobre subverter o modo de pesquisar, mas sobre poder atualizar o diálogo, com a defesa da riqueza do posicionamento, ao invés da neutralidade, que assujeita. Assim, poder deslocar simbolicamente e concretamente da falta para a potência, encontrar novos fundamentos para repensar a relação das pesquisas com os territórios e pensar métodos que abrem diálogo para subsidiar políticas públicas. Por fim, poder inserir o trabalho no campo da Psicologia e defender uma prática atenta à delicadeza das realidades locais, sociais e políticas, para que, ao registrar suas memórias, narrativas e apresentar uma outra perspectiva metodológica de pesquisa, debates considerados ainda contemporâneos e inovadores possam ser superados.

REFERÊNCIAS

- AHMED, Sara. *Viver uma vida feminista*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1985.
- BISPO, Antônio. *Colonização, Quilombos: modos e significações*. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI), 2015.
- BOSS, Medard. *Sigmund Freud e o método de pensamento científico*. Hexágono <Roche>, v. 1, n. 1, p. 1-13, 1974.
- DEMO, Pedro. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2000.
- DINIZ, Débora. *Carta de uma orientadora: sobre pesquisa e escrita acadêmicas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.
- DUTRA, Edna. *A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica*. *Estudos de Psicologia*, v. 7, n. 2, p. 371-378, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação*. In: _____. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- HARAWAY, Donna. *A reinvenção da natureza: símios, ciborgues e mulheres*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.
- HARDING, Sandra. *Objetividade mais forte para ciências exercidas a partir de baixo. Em construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência*, 2019. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/emconstrucao>. Acesso em: ago. 2024.
- HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- HOOKS, Bell. *Ensinando a comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefante, 2021.
- JAMAL, N. O. E.; GUERRA, A. *O caso Marie Curie pela lente da história cultural da ciência: discutindo relações entre mulheres, ciência e patriarcado na educação em ciências*. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, v. 24, 2022.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Ed. comemorativa (1960-2020). São Paulo: Ática, 2021. 176 p.
- LANZA, H. R. *Frantz Fanon e a Psicologia: contribuições para a prática clínica*. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 1144-1159, 2021.
- LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. 2. ed. Rio de Janeiro: Unesp, 2012. 440 p.

LUCINDA, Eliana. Carolina de Jesus é literatura sim! PublishNews, 2017. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2017/04/24/carolina-de-jesus-e-literatura-sim>. Acesso em: 10 maio 2024.

OLIVEIRA, Érica Suzane de. O pensamento de fronteira de Carolina Maria de Jesus. *Psicologia: Ciéncia e Profissão*, Brasília, v. 40, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003212106>. Acesso em: 18 abr. 2024.

MAY, Rollo. Origens e significado da psicologia existencial. Tradução: Ricardo Dantas Cabral. In: MAY, R.; ANGEL, E.; ELLENBERGER, H. F. Existencia – nueva dimensión em psiquiatria y psicología. Madrid: Editorial Gredos, 1977. p. 19-57.

OBSERVATÓRIO IBIRA30. Observatório Ibira30. Disponível em: <https://observatorioibira30.org>. Acesso em: abr. 2025.

OBSERVATÓRIO IBIRA30. Pesquisa de percepções de impacto social Escadão Galeria. São Paulo: Observatório Ibira30, 2025.

OBSERVATÓRIO DE FAVALAS. Observatório de Favelas. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, [s.d.]. Disponível em: <http://observatoriodefavelas.org.br>. Acesso em: abr. 2025.

PEREIRA, D. F. et al. O pensamento decolonial na psicologia brasileira. *Conhecimento & Diversidade*, v. 14, n. 32, p. 181, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.18316/rcd.v14i32.9416>. Acesso em: abr. 2024.

ROSA, Miriam Debieux; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, v. 22, n. 1, p. 180-188, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000100021>. Acesso em: mar. 2025.

SARMENTO, Rayza. Análise de enquadramento e epistemologia feminista: discutindo implicações metodológicas. *Revista Teoria e Pesquisa*, v. 28, n. 3, p. 97-117, 2019. Disponível em: <https://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/760/440>. Acesso em: ago. 2024.

SAWAIA, Bader; PURIN, Gláucia (Orgs.). *Silvia Lane: uma obra em movimento*. São Paulo: EDUC, 2018. p. 135-160.

SETUBAL, Tide. Territórios clínicos: uma escuta psicanalítica entre o singular e o social. *Percorso*, n. 67, p. 35-42, 2021. Disponível em: <https://percurso.openjournalsolutions.com.br/index.php/ojs/article/view/43>. Acesso em: abr. 2025.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Maria. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 1999/2013. p. 63-92.

SPINK, Peter Kevin. Avaliação democrática: propostas e práticas. Rio de Janeiro: ABIA, Coleção Fundamentos de Avaliação, n. 3, 2001.

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia & Sociedade*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 18-42, jul./dez. 2003. Acesso em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000400010>, mar. 2025.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade*, v. 20, ed. especial, p. 70–77, 2008. Fundação Getulio Vargas, São Paulo. Disponível em: [coloque o link]. Acesso em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000400010>, mar. 2025.

VON WRIGHT, Georg Henrik. Two Traditions. In: BYNNER, John Morgan; STRIBLEY, Keith M. (Org.). *Social Research: principles and procedures*. New York: Longman/Open University Press, 1979. p. 11-16. (Texto traduzido).

WATERS, Lindsay. Inimigos da esperança: publicar, perecer e o eclipse da erudição. São Paulo: UNESP, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMOS DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Conforme Res. n. 466 de 12/12/2012 – MS/CNS/CONEP

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada "Observatório de Pesquisa Ibira30: Memória e registros de um modo de produzir conhecimento situado" (nível graduação – Trabalho de Conclusão de Curso) sob responsabilidade da pesquisadora Gabriela Martins Pinto e orientação da Profa. Dra. Fabíola Freire Saraiva de Melo (contato de ambas abaixo). Após esclarecido(a) sobre os objetivos, métodos e procedimentos do estudo e demais informações a seguir e, no caso de aceitar fazer parte do estudo, pedimos que assine ao final do documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa, não haverá qualquer prejuízo na sua relação comigo ou com a instituição da qual faço parte.

Será realizada uma entrevista com o objetivo de registrar a memória do Observatório de Pesquisa Ibira30 de modo a conhecer, apresentar e relatar a experiência relacionada a atuação nesse projeto. O objetivo dessas entrevistas é estritamente acadêmico. Destacamos que sua participação é voluntária e que a entrevista pode ser interrompida a qualquer momento. A não-autorização do uso do material também pode ser requisitada em qualquer tempo. Além disso, o sigilo está garantido e sua identidade não será revelada, a não ser que opte expressamente por identificar-se abaixo. Você poderá solicitar esclarecimentos sobre a pesquisa nos contatos abaixo, durante as entrevistas ou a qualquer momento. O material poderá ser utilizado em futura publicação, sempre com finalidade acadêmica. Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Frisamos ainda que o áudio da entrevista será gravado e transscrito a texto, para ser editado e analisado de acordo com os objetivos do estudo. Após este processo, comprometo-me entregar-lhe uma cópia do material para sua revisão. Os arquivos das entrevistas serão armazenados sob sigilo, em computador de meu uso pessoal, ao qual somente eu tenho acesso. O presente documento também assegura a autorização de terceiros, ou seja, pessoas não entrevistadas, mas que foram citadas através de nomes próprios ou relatos nas entrevistas e que, por isso, devem igualmente realizar o consentimento da participação como sujeito, de modo a autorizar ou não o uso de sua identidade na pesquisa.

Importante mencionar possíveis desconfortos e riscos decorrentes da participação na pesquisa. Ainda que mínimos, podem ocorrer desconfortos devido à experiência de recordar e refletir. Neste sentido, asseguramos tomar todos os cuidados possíveis para evitar e minimizar esses desconfortos, antes, durante e após a realização da entrevista. Caso necessário, as pesquisadoras garantem prestar o acesso à devida assistência psicológica, por meio de encaminhamento à clínica da própria universidade ou em unidade de saúde mais próxima da pessoa entrevistada. Como benefícios, de modo geral, seu depoimento poderá contribuir para o registro da singular experiência de um Observatório de Pesquisa situado em território periférico. De modo particular, sua participação na pesquisa pode significar uma oportunidade para pensar sobre a sua trajetória e suas relações no local, contribuindo para historicizá-lo e para a consolidação da importância do que é nele realizado.

Pesquisadora Responsável: Gabriela Martins Pinto Orientadora: Profa. Dra. Fabíola Freire Saraiva de Melo Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP
R. Monte Alegre, 984 -Bairro Perdizes-CEP 05014-901 -São Paulo (SP)- Telefone: (11) 3670-8000

Telefone pessoal da Pesquisadora Responsável: (11) 985850945

**Comitê de Ética em Pesquisa - CEP's, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
/ PUC-SP Rua Ministro Godói, 969 - Sala 63-C - Bairro Perdizes - CEP 05015-001 - São
Paulo (SP) e-mail: cometica@pucsp.com - Telefone: (0xx11) 3670-8466**

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, abaixo assinado(a), concordo em participar da pesquisa “Observatório de Pesquisa Ibira30: Memória e registros de um modo de produzir conhecimento situado” como sujeito (entrevistado-depoente). Fui devidamente esclarecido(a) pela pesquisadora Gabriela Martins Pinto sobre a pesquisa, seus procedimentos, e os possíveis riscos e/ou benefícios envolvidos na minha participação.

- Gostaria de revelar minha identidade (nome próprio)
 Não gostaria de revelar minha identidade (utilizar nome fictício)

Local e data:

Assinatura:



Ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP – CEP-PUC/SP

Autorização para realização da pesquisa

Eu, Marcelo Zarzuela Coelho, responsável pela coordenação do Observatório Ibira30, venho por meio desta informar a V. Sa. que autorizo a pesquisadora Gabriela Martins Pinto, aluna do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, a desenvolver a pesquisa intitulada "Observatório de Pesquisa Ibira30: Memória e registros de um modo de produzir conhecimento situado", sob orientação da Prof.a Dra. Fabíola Freire Saraiva de Melo. Declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidade como co-participante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem estar.

São Paulo, 19 de Outubro de 2024

Marcelo Z Coelho

Marcelo Zarzuela Coelho
(Coordenador Observatório Ibira30)

APÊNDICE B - ROTEIROS PARA AS ENTREVISTAS

ROTEIRO EXPANDIDO - HISTÓRIA E ESTRUTURAÇÃO

CONTEXTO E ORIGEM

- Quais são as atividades que o OI30 realiza? Quais já realizou e quais realiza atualmente?
- Como surgiu a ideia do observatório?
- Quais foram os primeiros passos para estruturá-lo?
- Qual era a principal motivação de vocês no início?
- Quais desafios enfrentaram na criação do observatório?

A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

- Como vocês definem a produção de conhecimento dentro do observatório?
- Que metodologias e formatos utilizam para pesquisar e divulgar informações?
- Como se diferenciam do modelo acadêmico tradicional?
- Há diálogos com universidades ou outros espaços institucionais?

IMPACTO DO OI30

- Quais impactos o observatório já teve na comunidade? Pode citar alguma mudança prática?
- Como a comunidade participa da construção do conhecimento no observatório?
- Quais foram os principais aprendizados ao longo da trajetória?

IMPACTO PESSOAL

- Participar do observatório afetou a maneira como você percebe o próprio território e a sua identidade?

FUTURO

- Como você imagina o futuro do observatório?
- Que desafios ainda precisam ser enfrentados?
- Há planos de expansão, novas parcerias ou mudanças de abordagem?

ROTEIRO REDUZIDO - PERSPECTIVA DE QUEM TRABALHA NO OI30

- Como você chegou até o OI30?
- Como sua participação no observatório mudou sua forma de enxergar o território e a sua própria trajetória?
- De que maneira o observatório impactou suas relações com as outras pessoas da comunidade?
- Você enxerga o observatório como uma ferramenta política?
- Na sua opinião, como ele dialoga com as formas tradicionais de produção de saber?
- O que te motiva a continuar no observatório?
- Quais desafios você enxerga para que o OI30 siga existindo e crescendo?

ANEXOS

ANEXO A - ACESSO ÀS PESQUISAS REALIZADAS PELO OBSERVATÓRIO IBIRAS30



CULTURA

Pesquisa
Economia e Carnaval de Rua em M Boi Mirim - Zona Sul, SP

O objetivo destaca o potencial de inclusão produtiva da produção artística e criativa do carnaval de rua periférico, sua criatividade, inovação e desenvolvimento socioeconômico cultural para facilitar a criação de políticas públicas para economia criativa das Periferias.

Financiador: Secretaria de Cultura, Economia e Indústrias Criativas
Amostra: 380 entrevistas
Data de Coleta: Fev. de 2022
Publicação: junho de 2023



CULTURA

Pesquisa
Percepções de Impacto das práticas de Maracatu no Jd Ibirapuera

Pesquisa de caráter quantitativo e panorâmico a respeito do impacto econômico de atividades culturais realizadas pelo Bloco do Beco dando especial atenção aos eventos de Maracatu e ao grupo Baque Atitude.

Financiador: Ministério da Cultura
Amostra: 250 entrevistas
Data de Coleta: Set - Nov 2024
Publicação: Mar 2025



EDUCAÇÃO

Pesquisa
Percepções de Impacto Social Escadão Galeria

Percepções de Impacto social das atividades de urbanismo tático e social no jardim Ibirapuera

Financiador: Akzo Nobel
Amostra: 100 entrevistas
Data de Coleta: Jan 2025
Publicação: Fev 2025





EDUCAÇÃO

Pesquisa

Profissionais de Educação do Jd Ibirapuera: Uma Escuta Qualificada

Mapeamento e apresentação de um conjunto de informações sobre profissionais da educação das escolas do Jardim Ibirapuera ou que atendem aos moradores do Jd Ibirapuera

Financiador: Secretaria de Cultura, Economia e Indústrias Criativas

Amostra: 220 entrevistas

Data de Coleta: Fev. e Mar. de 2024

Publicação: junho de 2024



CULTURA

Pesquisa

Hábitos Culturais de Moradores do Jd Ibirapuera

Levantamento de caráter quantitativo e panorâmico que visa abordar temas relacionados às preferências culturais dos moradores do Jardim Ibirapuera, atividades no tempo livre, frequência e o grau de interesse por atividades culturais, gêneros preferidos, barreiras de acesso a equipamentos de cultura.

Financiador: Secretaria de Cultura, Economia e Indústrias Criativas

Amostra: 382 entrevistas

Data de Coleta: Fev. e Mar. de 2024

Publicação: junho de 2024

